



A NECESSIDADE DE RECRIAR A LUZ DO ESPETÁCULO: “ZEFERINA, RAINHA DO URUBU”, VISANDO ATRAVÉS DESTA DELIMITAR UMA NOVA OCUPAÇÃO ESPACIAL.

**Telma Maria Gualberto de Santana
Orientador Profº Fábio Espírito Santo**

SALVADOR

2012

TELMA MARIA GUALBERTO DE SANTANA

A NECESSIDADE DE RECRIAR A LUZ DO ESPETÁCULO: “ZEFERINA, RAINHA DO URUBU”, VISANDO ATRAVÉS DESTA DELIMITAR UMA NOVA OCUPAÇÃO ESPACIAL.

Trabalho de Conclusão do Curso submetida ao curso Tecnólogo em Artes dramáticas com Habilitação em iluminação no Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de técnico no curso tecnologia em artes dramáticas. Habilitação: iluminação.

Orientador: Fábio Espírito Santo

Salvador

2

2

AGRADECIMENTOS

Agradeço a “DEUS, Pai maior”, criador do universo pela oportunidade que foi dada de ter vivido o processo IFBA com tamanha intensidade, sobrevivido a todas as dificuldades e contratempos e por ter chegado aqui.

Agradeço a minha mãe que me apoiou em mais essa empreitada, com amor, carinho, despesas financeiras e a dedicação de sempre. Aos parentes e amigos que vibram com as minhas vitórias e me apoiam ao longo da caminhada.

Agradecimentos especiais também aos meus amigos do Coletivo do Subúrbio, Cleiton Luz, Fábio Santana, Inácio Deus, George Bispo e Marcio Bacelar que confiaram em mim e me apoiaram desde o início da minha trajetória com a iluminação, me convidando a coordenação de técnica do festival do Subúrbio. Marcio Bacelar e George Bispo me convidaram para conceber a iluminação de “Zeferina, rainha de urubu”, tornando possível hoje à realização deste TCC.

As minhas colegas e sobreviventes únicas do processo Grasca Souto e Christiane Veigga.

A Professora Irma Vidal que me mostrou outros nortes com clareza, entendimento e disponibilidade. Ao Fábio Espírito Santo que aceitou o desafio do desfecho do processo, nos norteando ao processo criativo com o carinho, a dedicação, a compreensão e a doação.

A professora Celi que sempre mediou nossas reivindicações e intercedeu pelo curso. Ao professor Heitor que foi o grande incentivador e implantou o curso de “Artes Dramáticas” dentro do IFBA. A Guta, Renatinha e Lorena que interveio por nós dentro do TCA. E a todos os outros professores e funcionários IFBA e TCA que contribuíram para que nossa estadia fosse a mais proveitosa e contribuíram direta e indiretamente para que chegássemos aqui.

Obrigada, obrigada e obrigada.

"Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferente"

(Paulo Freire).

RESUMO:

Este trabalho de catalogação apresenta uma análise aprofundada sobre a iluminação do espetáculo teatral “Zeferina, a rainha de urubu”, onde todos os profissionais envolvidos foram convidados a participar de uma pesquisa na qual encontraríamos elementos que pudéssemos transpor a cena uma aproximação da época em que viveu e heroína. O trabalho aborda também a relação com as outras artes técnicas, dentro desse processo e o desafio de delimitar a ocupação espacial.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro; Iluminação; Zeferina.

Sumário:

1.0 Memorial Descritivo.....	08
1.1 Introdução.....	08
1.2 Trajetória artística até chegar a iluminação.....	08
1.3 Como conheci o coletivo de produtores.....	08
1.4 A história da heroína.....	09
2.0 Concepção Cênica.....	10
3.0 Cenografia.....	11
3.1 Figurino.....	12
3.2 Maquiagem.....	13
4.0 Processos Zeferina.....	14
5.0 Concepção da iluminação cênica.....	15
5.1 Interação entre equipe técnica.....	16
5.2 Adaptações rotineiras.....	20
5.3 Recriar por uma necessidade espacial.....	21
6.0 Anexos.....	21
6.1 Texto dramático.....	21
6.2 Projeto de luz (Planta).....	54
6.2.1 Planta original do projeto de montagem.....	54
6.2.2 Planta (adaptação que seguiu por todas as montagens).....	55
6.2.3 Planta - (Essa planta trás no seu desenho a recriação das cenas para as futuras montagens com a ocupação cênica planejada).....	56
6.3 Agrupamentos da montagem da planta de iluminação do espetáculo Zeferina no teatro plataforma.....	57
6.4 Roteiro de operação.....	60
6.5 Raider técnico.	65
6.6 Comentário de um espectador.....	69
6.7 Relação ator/personagem.....	72
7.0 Referência Bibliográfica.....	75

1.0 MEMORIAL DESCRITIVO

1.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso traz uma reflexão técnica e estética sobre a importância da iluminação cênica dentro do espetáculo “Zeferina, a rainha de Urubu”, o qual contou com a presença da iluminadora Thelma Gualberto, autora desse trabalho, em todas as apresentações exercendo também a função de operadora da iluminação, o que possibilitou uma maior observação, facilitando o entendimento sobre a necessidade de recriar essa luz para delimitar espaços que seriam preenchidos pela cenografia e adereços. Paralelo a isso o trabalho faz abordagens sobre as funções que este signo desempenha na referida montagem quando está interligada com o figurino e com a sonoplastia numa relação de parceria. Comentado sobre as funções das artes técnicas dentro do espetáculo.

O ESPETÁCULO.

O texto deste espetáculo “Zeferina, a rainha de urubu” narra à história de uma negra que como tantas outras foram trazidas a força de seu país e ao chegar aqui na condição de escrava é vendida em feira livre a um fazendeiro e submetida ao cativeiro onde é obrigada a trabalhar de graça, sob a pressão do chicote, seguindo o regime vigente na época “Regime Monárquico”. Zeferina na sua nação pertencente ao continente africano era filha de uma rainha, a rainha Amália.

“O espetáculo Zeferina, rainha de Urubu”, estreou no centro Cultural de Plataforma onde ficou em cartaz de 01 a 17 de setembro de 2011, foi à primeira montagem do Coletivo de produtores do Subúrbio A realização deste espetáculo contou com a contemplação no Edital Calendário das artes, realizado pela Fundação Cultural do estado da Bahia (FUNCEB), trabalho voluntário dos atores e apoio do Centro Cultural Plataforma que acolheu o grupo tornando-o residente do local.

1.2 TRAJÉTORIA ARTÍSTICA ATÉ CHEGAR À ILUMINAÇÃO

Comecei a fazer teatro desde adolescente na escola e na instituição religiosa frequentada por minha tia. Durante anos me afasto do teatro por motivos que não

valem a pena revela-los no momento. Passam-se anos e em 1998, acompanhando minha amiga Arlinda Lima, atriz e na época aluna da escola de Teatro da UFBA retorno ao universo teatral, tendo diante de mim a oportunidade de realizar aquele grande sonho... Fazer teatro. Recomeço de forma tímida e autodidata atuando em animações infantis, fazendo cursos em diversas áreas cênicas e atuando como atriz em mostras didáticas inclusive da própria escola de teatro em mostra de direção, ato de quatro e outras mostras do projeto viver com arte. Alguns anos depois 2008 a 2009 eu recebi dois e-mails encaminhados por George Mascarenhas e Arlinda Lima nos quais os corpos das mensagens continham a mesma informação... “Curso técnico de iluminação no ponto de cultura do Teatro Vila Velho, ministrado por Fernanda Paquelet”. Fui imediatamente ao teatro Vila Velha me inscrever. Fiz a seleção, a qual fui aprovada. Participei de todo processo, aulas e estágio nos quais tive a oportunidade de executar o aprendizado do curso e já começar a atuar como tal. Fiz vários outros cursos e oficinas de iluminação cênica antes de chegar ao IFBA onde fiz um aprofundamento técnico e descobri outros olhares técnicos e estéticos, tendo como professora da parte prática em montagem a iluminadora Irma Vidal, responsável por me abrir novos horizontes e também responsável pelo meu estágio no Teatro Castro Alves, onde tive a oportunidade de observar construções diversificadas de projetos de iluminação, participar dessas montagens, dialogar com esses outros profissionais e aguçar mais ainda minha curiosidade por essa área.

1.3 COMO CONHECI O COLETIVO DE PRODUTORES

Após o curso do Teatro Vila Velha e por indicação de Fernanda Paquelet fui trabalhar no Festival de Teatro Negro do Subúrbio na sua primeira edição como ilumino-técnica e acabei sendo convidada a assumir a coordenação técnica a partir do ano seguinte, aceitei e estou com eles até hoje já na sua quarta edição. Os integrantes do Coletivo de Produtores do Subúrbio são também responsáveis pelo espetáculo Zeferina, Rainha de Urubu, ao qual me ateei nesse trabalho.

1.4 A HISTÓRIA DA HEROÍNA

Zeferina, rainha do Urubu é um espetáculo teatral que narra uma história baseada em fatos reais e se passou em começo e meado do século XIX.

Zeferina e sua mãe foram capturadas e trazidas ao Brasil, onde foram vendidas separadas a diferentes donos. A mãe vai para a Bahia e Zeferina vai para uma fazenda no Maranhão e durante muito tempo na condição de escrava, sofre e é maltratada por seus donos. Esperta e corajosa resolve fugir em busca da tão sonhada liberdade. Embrenha-se nas matas maranhenses na sua fuga e acaba chegando ao quilombo do Urubu que fica localizado no subúrbio ferroviário de Salvador na Bahia, este quilombo era liderado por Pai Antônio que a acolhe e após um demorado diálogo cheio de revelações, o líder quilombola percebe a coragem e bravura da guerreira, traços esses que a identifica como filha de sua grande amiga a rainha Amália que morreu em uma emboscada num conflito em defesa do seu povo. A partir daí a guerreira africana se envolve em vários conflitos e torna-se heroína e defensora do seu povo. Até que ao se envolver na guerra pela independência da Bahia onde luta corajosamente em troca da alforria e acaba por não conseguir o almejado propósito. Logo após lhes armam uma emboscada. O quilombo é descoberto, Zeferina e Pai Antônio são presos, julgados e condenados a calçar toda a praça da piedade.

Essa é a história na qual fui convidada a integrar a equipe, ocupando a função de iluminadora e como tal me envolvi pesquisando sobre o contexto e a época em que a história se passou, tentando trazer um clima aproximado através das cores dos filtros e de objetos como os candeeiros e outros que me ajudassem a compor a cena. Apesar de nem sempre haver possibilidades de usar os candeeiros por precaução contra incêndio, norma de segurança essa estabelecida pelos teatros. E em outros momentos quando possível o uso destes eram bem aceitos trazendo ao espetáculo um aroma que despertava no público a sensação de está dentro da história.

Zeferina caminha pelas matas com um candeeiro que produz a chama a partir do querosene e esse cheiro toma conta do teatro e ali quem tem mais de trinta anos e viveu aqui no Subúrbio Ferroviário de Salvador ou no interior, lugares onde a energia elétrica demorou a chegar pode se lembrar sim de tempos nos quais o fogo era “a lenha”, o ferro de passar roupa era “a carvão”, as roupas eram engomadas e lavadas nas bicas e fontes da região e o cheiro do lugar não era de cidade, mas sim de mato, muitas florestas ao redor, inclusive o Parque

São Bartolomeu era o lugar onde a abundância da natureza era respeitada e a convivência dos moradores com as matas, cachoeiras, manguezais era uma relação de respeito, devoção e pertença. (Santos, 2011).



Fig.1 Momento de black-out. Na cena da madrugada no quilombo, todos com candeieiros tramando a guerra. Atores em cena: Beto Cerqueira, Heraldo de Deus, Marcos Luiz e Juciara Awo.

2.0 CONCEPÇÃO CÊNICA

O espetáculo, “Zeferina, rainha de urubu” foi a primeira montagem teatral do CIC (coletivo de Investigação Cênica), núcleo das Artes do Coletivo de Produtores Culturais do Subúrbio, dá vida à personagem Zeferina, a mulher que em meados do século XIX, muda a trajetória das lutas negras na Bahia em meio a um país marcado por diversos levantes, guerras e emboscadas.

O espetáculo com texto de Marcio Bacelar, com colaboração de Cell Dantas e Mariana Barbosa e com a consultoria histórica de George Bispo, Direção de Marcio Bacelar e George Bispo. Tem ficha técnica composta por: Figurino de Diogo Alcântara e Iluminação de Thelma Gualberto, Preparação corporal de Matias Santiago, Preparação vocal de Marcelo Jardim e Treinamento de elenco de Ângelo Flavio, direção musical Érique Batista, coreógrafo Mathias Santiago. Dentre outros profissionais que colaboraram para a realização deste.

O espetáculo nasce da necessidade de aprofundar conhecimentos sobre essa personagem da história negra brasileira, possibilitando a criação de uma dramaturgia que englobe diversas discussões sobre as resistências quilombolas e as revoltas escravas no Brasil. Zeferina – A Rainha de Urubu retratará a vida da “rainha do quilombo do Urubu” que se levantou em 1826 contra a opressão social vivenciada no regime escravista. Sua trajetória de vida se confunde com a história de luta e resistência do povo nagô, tendo em vista seu papel protagonista na transformação social no Estado da Bahia. Este tema se universaliza por se tratar de uma parte da história marginalizada brasileira.

Zeferina é um espetáculo de teatro que aborda uma linha realista, seguindo uma pesquisa detalhada com fatos comprovados. Utiliza-se diversas linguagens, tais com dança afro, capoeira, macule lê, e dança afro contemporâneo, músicas diversas, fiscalização proposta por Brecht na peça didática em substituição de elementos concretos, este é bastante utilizado nesse espetáculo e vivenciado com tamanha fé cênica que o espectador entende claramente as ações vivenciadas pelos atores.

O espetáculo não é linear, não segue uma linha aristotélica. Começa pelo fim com o julgamento, são momentos vivenciados pelas lembranças de Zeferina, cenas soltas que faziam sentido e trazem um entendimento de forma clara.

3.0 CENOGRAFIA

O cenógrafo é convidado e participa de alguns ensaios, propõe alguns elementos, ambientações e cores que lhes seriam propício, chega a fazer alguns desenhos de cenas, mas não chega a concluir, tem uma necessidade de afasta-se de ultima hora. Então a peça acontece contando com a banda no fundo-centro como ocupação cenográfica e outros vários momentos com espaços delimitados pela iluminação, um banco improvisado que é caixote trazido por outros personagens, além da ambientação cênica, idealizada pela direção e iluminadora, com a coerência interna textual trazida pela dramaturgia e preenchida pela presença e verdades cênicas vivenciadas pelos atores.

3.1 FIGURINO

O figurinista é o ultimo a chegar e trás um dos figurinos vermelhos para todas as cenas, é um macacão que funciona com a uma segunda pele, em outro momento

faz uso de cores berrantes e propicias aos orixás e outros figurinos e adereços que compõe os tipos presentes, como: soldados, capitão, a sinhá e escravos, não chegando a interferir nos tons dos filtros que a nesse momento do processo já havia sido comprado. Vejamos exemplos de alguns figurinos que compuseram o processo.



Fig.2 Os atores Marcos Luis, Heraldo de Deus, Aloma Pelizaari, Carlos Matias, Carolina Penelock (substituindo a atriz Maria Gabriela Lima) em cena de guerra do espetáculo “Zeferina, rainha de urubu”



Fig.3 Os atores Juciara Awô, Beto Cerqueira e Carlos Matias, no espetáculo “Zeferina, rainha de urubu”

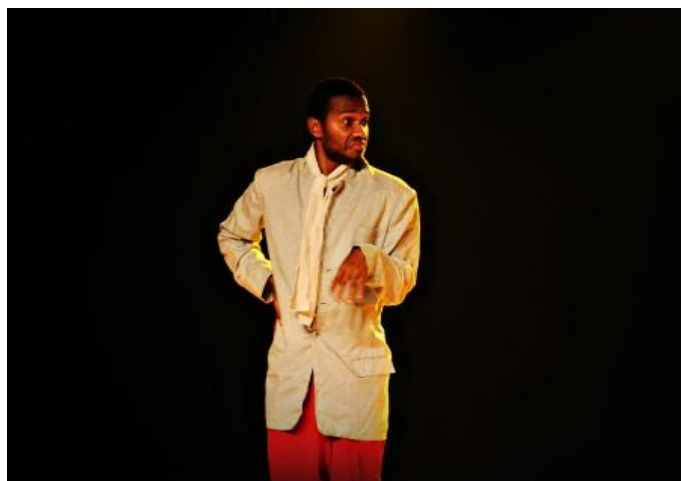


Fig.4 O ator Marcos Luis em cena do julgamento no espetáculo “Zeferina, rainha de urubu”

3.2 MAQUIAGEM

A maquiagem da personagem principal fugia ao realismo proposto na busca de traços de uma suposição de como seria a personagem, porem os outros atores mantinham a fidelidade á proposta.



Fig.5 A atriz Juciara Awô no camarim se preparando para entrar em cena, colocando a mascara que compõe sua personagem Zeferina

Banda totalmente afinada com o espetáculo trouxe vários instrumentos, entre eles: sax, violão e percussão que davam um tom de cumplicidade em vários momentos, chegando a provocar encanto e entusiasmo ao espectador, além das músicas e

inclusive uma de composição de uma das atrizes “Gabi Lima” feita durante os ensaios e sob a direção musical de Erique Batista.

4.0 O PROCESSO ZEFERINA

Escolhi Zeferina para fazer este trabalho por que descrevo como uma fase da minha vida profissional ligada ao IFBA e como resultado deste curso onde exercitei o meu aprendizado durante esse processo.

Este trabalho refere-se à recriação de algumas cenas do espetáculo “Zeferina, a rainha de urubu” devido á impossibilidade da presença do cenário, uma vez que o projeto de luz foi concebido em parceria com tal, a partir de diálogos e esboços trocados entre profissionais das respectivas áreas. Por motivos pessoais o cenógrafo precisou se afastar do processo não chegando a finalizar o projeto cenográfico. Fato esse confirmado na semana da estreia e que acabou por sobrecarregar a iluminação, tendo esta que exercer função dupla de suprir a necessidade de ocupação maior do espaço sem que houvesse esse planejamento. Sabemos fisicamente da estrutura da luz como fluída, abstrata e do cenário como algo concreto. Então como resolver esse percalço?

O espetáculo que estreou no Centro Cultural Plataforma que possui um palco italiano e estrutura apropriada para tal, porém com uma quantidade limitada de equipamentos, não permitindo nem mesmo a execução da montagem da planta original, precisando adapta-la naquele momento em caráter definitivo, pois assim seguiu por todas as montagens, enfrentou sua segunda temporada no Cine Teatro Solar Boa Vista, local que pela dificuldade maior de adaptação pela estrutura diferenciada e pela dificuldade de conseguir uma angulação compatível com o desejado, não permitiu a originalidade de algumas cenas sendo necessário abrir mãos de acessórios importantes para composição de cenas como os gobos que davam o desenho de florestas. Permitindo apenas uma atmosfera propicia ao espetáculo. Outro problema identificado desde a primeira montagem pela falta do cenário seria o excesso de áreas iluminadas presente em algumas cenas que poderiam ser melhores desenhadas e ajustadas, algo que poderia ser resolvido acrescentando um ou dois equipamentos para ajustar essas cenas. Algo pensado e nunca executado por problemas já mencionados. Como esse é um espetáculo que

existe intenção de remontagem por pertencer a uma fonte intensa de pesquisas de resgate aos heróis negros, diante de um olhar mais atento aos conceitos estéticos, e pela apreensão por realizar o projeto na íntegra, tudo isso instiga a recriação desse novo e antigo ao mesmo tempo projeto de iluminação.

5.0 CONCEPÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA

Convidada a participar do processo que a muito vinha sendo cogitada, aceitei sem pensar duas vezes e fui logo me instalando. Adotei meus procedimentos usuais e comuns de quando o assunto é criar uma luz para um espetáculo. Recebi e li o texto, fui a vários ensaios. Essa é uma necessidade que tenho, preciso sempre que possível ver os ensaios, acredito na importância de estar em harmonia com tudo e que dessa forma tudo conspira a favor, gosto de entrar na energia dos atores, conversar com os outros artistas técnicos envolvidos, conversar principalmente com o diretor e nesse caso com os diretores os quais como citados anteriormente já tínhamos entrosamento, mas dessa vez em posicionamentos diferentes. Os diretores com suas exigências comuns nesse caso e que me chegavam como instigação para a busca pela pesquisa para se obter um bom resultado. Pesquisei na internet histórias da monarquia, novelas de época, assistir o filme “besouro” veio inspiração para compor a cena dos orixás, li o artigo da história da iluminação no blog do Valmir Peres. Um belo dia sentada em um banco no pátio da escola de teatro da UFBA esperando o espetáculo começar, de repente olho para cima e enxergo o poste, que sempre esteve ali naquele ambiente da minha convivência e justamente naquela hora necessária a minha pesquisa o enxerguei, era tudo e ver com a estética proposta e apenas com a diferença de que na época as lâmpadas eram a querosene ou a óleo enquanto aquele era lâmpada alógena mista. Infelizmente não foi possível incluir na peça porque a proposta cenográfica era usar apenas um objeto que se desdobrasse em várias coisas, podendo ser usado em vários momentos e que ao mesmo tempo conservasse o palco quase sempre vazio. Pois tínhamos coreografias que enriqueciam o espetáculo. Segui buscando soluções.

Como mencionado anteriormente frequentava com assiduidade os ensaios que aconteciam no bairro de Plataforma. Um belo dia saindo de um desses ensaios em um final da tarde, ao chegar a um ponto onde avistava o mar, me sinto atraída pelo

belo por do sol e fico alguns instantes a contempla-lo. Instantes esses suficientes para resolver substituir o Golden âmbar 21 da supergel pelo filtro deep straw supergel 15 um âmbar amarelado para dar uma aproximação com a luz do sol. Resolvo nesse trabalho ousar tons pastel, então, azul e-coulor 161 slate blue ficou responsável por representar a noite e algum outro momento interno. Em contra ponto, uso supergel 382 congo blue para esconder a nudez e mostrar apenas a silhueta do ator na cena do estupro e ainda na família do azul uso supergel 79 brighth blue para fazer focos que direcionam os personagens na floresta e que na minha leitura são frechas da luz da lua por entre os galhos das arvores guiando o grupo de escravos fugitivos.

5.1 INTERAÇÃO ENTRE EQUIPE TÉCNICA

Pensei em comprar candeeiros para uma cena e pedi ao diretor, este me disse que o outro diretor teve a mesma ideia e já os havia comprado. Isso é que é sintonia! A primeira cena nítida a vir á minha cabeça foi à coreografia dos orixás.

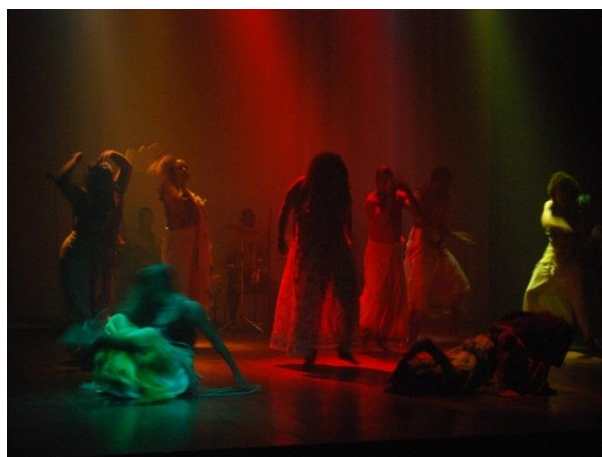


Fig.6 O elenco na cena dos orixas, Aloma Pelizzari, Beto Cerqueira, Carlos Matias, Heraldo de Deus, Juciara Awô, Maria Gabriela Lima, Marcos Luis, Marron Paulilo

Após assistir ao ensaio e posteriormente ter uma conversa com o coreografo que me orientou quanto às marcações. Investir em tonalidade de filtros berrantes como green-blue super gel 76, yellon e-colour 101, dark-blue e-colour 119, dark-green e-colour 124, flame-red e-colour 164, Orange-red super gel 25, dark-pink e-color 111, (o coreografo me disse que esse orixá era representado por rosa claro ou marrom, então optei por rosa), e assim compus essa cena acrescentado ao momento que

todos os orixás saem ficando apenas Iansã e Zeferina, climatizando a cena das duas uso um âmbar deep orange 158 da e-coulor, o vermelho Scarlet supergel 24, frente n/color e um pouco do vermelho médium red 27 da supergel que vinham das torres e quando a Iansã se retira acontece um encontro da sonoplastia com a iluminação dando vida com um raio que finaliza a cena.

E a partir daí as coisas foram clareando mais. Como as coreografias se fizeram presentes em vários momentos do espetáculo, usei vermelho médium red 27 da supergel para momentos da guerra numa combinação com a sonoplastia que vinha com percussões diferenciadas ora com sons de tiros, ora tropas, em outros momentos usei o verde e outros momentos oscilando entre um e outro. Não foi possível nem mesmo usar todo o planejamento como o lavanda fuschia pink 345 e-coulor que estava na relação, devido a quantidades limitada de equipamentos do espaço. A verba era pouca e não adiantava ficar inventando moda. E quando finalmente estreamos tivemos resultados bastante positivos e claros, outras pendências foram sendo ajustando na medida do possível.



Fig.7 A banda composta pelos músicos: Claudio Santos, João Tele, Marco Kalil sobre a incidência do gobo de raio, projetado pelo equipamento elipson.

Lembro de que coloquei esse mesmo filtro lv 345 e-coulor na tentativa de acrescentar mais um contra gaslight green 388 supergel luz para dar um clima exótico e o técnico me sugere usar o âmbar deep Golden âmbar1 35 supergel, aceitei a sugestão, experimentamos no conjunto e ficou lindo. Como acredito que o iluminador é o pintor que compõe sua obra de arte com cores e luzes.

Quando se fala, por exemplo, em um quadro de pintor famoso, pensamos nas ferramentas por ele utilizadas para a conclusão da sua obra e vislumbramos o pincel, as tintas e para conseguir a obra, o bom gosto e a arte do pintor. A obra será tanto melhor quanto maior e melhor for a sensibilidade de quem a está criando. Então podemos dizer que em iluminação também existem artistas. Quando fazemos essa comparação, temos que numa analogia, pensar que o pincel é a luminária, a tinta é a luz produzida pela lâmpada e o artista “Picasso” do sistema de iluminação, é o projetista, seja ele arquiteto engenheiro, decorador, iluminador, etc., visto que com seu bom gosto, sua sensibilidade, poderá fazer uma verdadeira obra de arte. **(Silva, 2004, pg.19- I.13 a 20)**

Continuei interagindo com os colegas, em busca de informações que pudessem ser acopladas as minhas ideias. Um momento claramente perceptível eram os focos específicos que como eram lembranças do passado dei um tom envelhecido ao foco usando um corretivo marrom da e-colour 156 e usei muita fumaça durante toda a apresentação porque a fumaça me dava a sensação de nebulosidade, lembrança, passado, de algo sun real, e ao mesmo tempo pela preocupação em manter o tom da pele dos atores dentro da proposta.

O cenógrafo também já era parceiro de outros trabalhos, nos encontramos algumas vezes durante os ensaios, discutimos algumas ideias expostas por ambos, falamos sobre cores e pretensões de trabalharmos em paralelo como exemplo nas cenas da floresta que ele manifestou a vontade de colocar um tronco de árvore e folhas espalhadas pelo palco tendo um movimento circulatório provocado pelo efeito de ventilador e eu acrescentaria essa ideia usando gobos de floresta e filtro dark-green e-colour 124, formando um casamento perfeito. Ele fez um esboço.

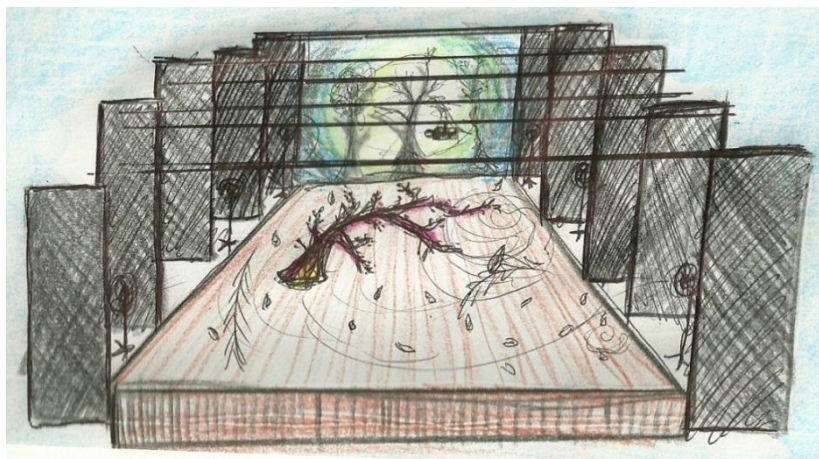


Fig. 8. Esboço concebido pelo cenógrafo Marcos Costa para o espetáculo “Zeferina, a rainha de urubu”, mas foi não executado, como revelado anteriormente.

Outro momento interessante seria a cena da cozinha que ele teria o uso do móvel o qual já me referi antes e que nesse momento seria usado como uma espécie de fogão a lenha e eu construiria um fogo cênico e colocaria uma luz espalhada por toda a área por que esse fogão ficaria numa área quase quintal. Então aproveitei os mesmos contra geral, usando os dois equipamentos que estavam posicionados ao meio com tonalidades deep straw supergel 15, e com a frente branca ou not color. Para minha surpresa na semana da estreia chegou a noticia que não teríamos o cenário, o espetáculo seria um palco nu contando apenas com a banda na ocupação espacial e a luz estava responsável por delimitar o espaço cênico. Apliquei o mesmo projeto apenas afinando alguns refletores com posicionamentos aproveitáveis, tipo a florestas que sem nada do planejado ficaram apenas os gobos e os filtros que foram distribuídos em lâmpada par foco 5 com filamento deitado lambendo a região do palco direcionada a ser a floresta, mas na semana seguinte acabou por perder essa função e os coloquei na cena da coreografia.

O figurinista que foi cogitado e convidado a integrar a equipe desistiu por questões de saúde e o que assumiu acabou entrando de ultima hora então não houve tempo para trocas. Ele foi chegando e executando os seus planos. Quando eu o procurei, já com os filtros de luz do espetáculo comprados e com a preocupação de não agredir a proposta dele, descobrir que não havia perigo de tal coisa acontecer. Adquirir bastantes tons pastel e os tons saturados estava em harmonia com o figurino, coreografia, luz.

5.2 ADAPTAÇÕES ROTINEIRAS DA ILUMINAÇÃO

A partir da segunda temporada, a necessidade de recriar algumas cenas para delimitar o espaço foi ficando muito evidente. Sabemos das dificuldades enfrentadas por equipes cujas produções não têm grandes patrocinadores que possibilitem um conforto e que pelo menos possa proporcionar a equipe técnica uma semana para montar, testar e fazer alguns ajustes, até obter um bom produto final.

Geralmente monta-se no dia da estreia e quando muito se consegue é um dia antes para montar. Sorte existe porque geralmente os técnicos que parecem fazer parte de uma irmandade ajudam-se mutuamente uns aos outros. O que facilita muito o transitar técnico dentro do espetáculo.

No primeiro espaço que Zeferina estreou e apresentou a primeira temporada foi o momento de ajustar o que existia. Afinar um foco que estava fora da marca, colocar um foco na atriz que de ultima hora resolveu cantar a canção que ela compôs, rever um foco que não estava bonito porque o técnico se enganou e colocou um Fresnel de 500 e outro de 1000 e então ficava perceptível a diferença dos focos, afinar a luz da banda, focar os elypson que estavam com os gobos de florestas para que ambos ficassem iguais e assim se foi a temporada.

Numa segunda temporada surgem outros problemas espaciais, diferentes do que existia no teatro anterior. O teatro não tem vara fixa de contra e sim apenas uma e improvisada. Adaptamos a luz ao espaço. O gobo do raio que era refletido na rotunda, nesse espaço o jeito foi refletir no chão porque rotunda não existia no local. Os gobos de floresta também deixaram de existir nesse espaço porque era impossível encontrar uma posição que possibilitasse. Depois de tudo montado, para quem conhecia o espetáculo ficou perceptível que faltava um pedaço, mas foi feito o melhor que pode ser.

Depois veio mais duas apresentações no verão cênico, uma aconteceu adaptada à montagem que já estava no local e com muita euforia conseguimos manter os focos principais. Quando o espetáculo começou o diretor me perguntou cadê a luz de Zeferina?

Na segunda apresentação finalmente a montagem foi maravilhosa, conseguimos a essa altura montar numa tarde e com tudo que tínhamos direito. Foi uma das melhores apresentações. Foi justamente aqui que surgiu o olhar pela mudança livre de problemas e o pensamento em total sintonia com o processo. As mudanças eram necessárias ajustar, preencher espaços em branco, cobrir os excessos. Surge a pergunta. “Porque não recriar?”

5.3 RECRIAR O PROJETO DE ILUMINAÇÃO PELA NECESSIDADE DE DELIMITAR O ESPAÇO.

Recriar para definir melhor os espaços. E quais? Quantas mudanças? Ora poucas, mas, necessárias. Começamos pela luz no momento da cozinha em que Lina esta cozinhando. Colocar um elipson e com as facas definir a área. Isso também pode ser feito com um PC ou Fresnel usando bandoor. Fica a definir de acordo com os equipamentos do local. Outro momento seria construir uma iluminação detalhada para a banda brilhar no seu momento inicial. Essa luz era feita com dois PC'S de 500 definindo o espaço com bandoor, então seria acrescentado az, vd, ou ab, em tons pastel, pensando no figurino meio bege da cor das camisas. O momento floresta seria acrescentado gobos artesanais com filtro vd, dando a ideia de natureza viva. A cena da fuga do casal acontece com o contra az em intensidade 40%, na mudança seria acrescentado um elipson definindo a área que ela esta deitada e depois quando o marido entra outro elipson tornando a área maior na definição do quarto. Estes ajustes apenas acontecem em algumas cenas, não alterando em nada quanto à operação, apenas contribuindo para a plasticidade do espetáculo num todo. São pequenos ajustes que fazem a diferença.

5. MEMORIAL DESCRITIVO

6. ANEXOS

6.1 TEXTO DRAMÁTICO

“ZEFERINA, A RAINHA DE URUBU”

PERSONAGENS:

Zeferina- Juciara

Pai Antônio- Matias

Firmino- Beto

Juiz- Marrom

Advogado de acusação- Marcos

Advogado de defesa- Gabriela

Escrivão- Beto

Baronesa Henriqueta - Mariana

Coronelzinho- Afonso - Beto

Negra Lina - Aloma

Zé Raimundo - Matias

Aná - Marrom

Tito - Heraldo

Galego- Mariana

Inácio – Marcos

Capenga- Marcos

Viajante assaltado 1- Beto

Viajante assaltado 2- Mariana

Joaquina: Aloma

Roza: Gabriela

Maria de Santa Isabel: Marrom

Ianosô /Francisca da Silva- Gabriela

Amália- Aloma

Coronel Manuel Guimarães do Exército- Matias

Mensageiro: Beto

Cadete 1- Heraldo

Carlos: Beto

Joana: Mariana

Cadete 2: Marcos

Cadete 3: Aloma

Cadete 4: Marrom

Cadete 5: Mariana

Zeferina Branca: Mariana

Coro 1: Gabriela

Coro 2: Matias

Coro 3: Aloma

Coro 4: Marrom

Coro 5: Marcos

Salvador, Cidade da Bahia.

1826

CENA I – O Plano

(Palco vazio, luz vermelha rasteira. O coro começa sussurrando da coxia “morra branco, viva negro! (morra e viva, falado pelos homens e branco e negro falado pelas mulheres). Falam três vezes e crescente tom e na quarta gritam juntos e correm para o centro do palco, em posição de luta. Saem do palco e inicia-se a cena de Zeferina).

(Zeferina e Firmino estão postados numa mesa no canto direito, Antônio abaixado ao lado como se estivesse fazendo um ritual. Eles confabulam o plano para render a cidade de Salvador, tomar um navio negreiro que acabara de aportar no cais e seguir de volta à África).

ZEFERINA – eles não terão escapatória, nosso plano vai dar certo. É véspera de natal, todos estarão em comemoração e os guardas baixarão a guarda, essa é nossa chance! (murro na mesa)

ANTÔNIO – mais tu não acha arriscado por demais não? E se alguns deles ficarem de prontidão?

FIRMINO - eu mandei meus meninos assuntarem, eles ficaram de tocaia e os guardas “sortaram” que não vai ter ninguém de prontidão não, que na noite do menino Jesus eles querem mesmo é se fartar de comida e de bebida.

ZEFERINA – confia em mim pai Antônio (vai em direção a Antônio), sei que vamos ter o que mais desejamos. Eu, retornar para minha terra, o senhor, tomar a cidade da Bahia para finalmente ofertar um lugar digno para nosso povo viver. Bem que se meu povo não estivesse a minha espera eu me juntava ao senhor para juntos governarmos o reino d’Africa além-mar.

ANTÔNIO – (levantando) Sei não, sei não... ogum me diz que isso é muito arriscado, mais vamos confiar em xangô (faz uma saudação) e esperar que tudo dê certo.

FIRMINO – me explica de novo Zeferina como é que os meninos vão agir.

ZEFERINA – (volta pra mesa acompanha de Antônio) é simples Firmino, na noite de véspera dos festejos natalinos o pessoal do Urubu deverá se encontrar com o pessoal das freguesias de Pirajá, de Sé, Nossa senhora da Vitória e Santo Antônio do Carmo, todos devem se concentrar na freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, que é mais perto do porto. Enquanto isso, esperamos os forros e os negros de recado darem o sinal. Depois que eu, Fabé, Bartolomeu e os outros tomarmos o cais e conseguirmos desatracar o navio, dai vocês dão um tiro de canhão como sinal para os negros das freguesias de São Pedro Velho, Santana do Sacramento, da Rua do Paço, nossa senhora de Brotas, Penha e Pilar, render os guardas, saquear as vendas e os secos e molhados e matar os brancos.

CORO: Morra branco, viva negro!

FIRMINO – matar os brancos Zeferina?

CORO: Morra branco, viva negro!

ZEFERINA – sim Firmino... morra brancos, viva negros!

CORO: Morra branco, viva negro!

(Entram três duplas e fazem movimentos de luta, de guerra. Após sinal sonoro, todos começam a fazer vocalizes, enquanto que um ator vai dando os nomes dos negros fugidos, de três em três. A cada 3 nome, um ator sai do palco, até que somente restem Antônio de Tal e Zeferina, que são conduzidos ao canto direito do palco para início da cena do Julgamento)

VOCALIZES:

Mariana: Escravos de Jô... esu otá

Gabriela:

Matias:

Aloma:

Marcos;

Juciara:

Marrom:

Beto:

Heraldo: *Antonio, Conrado, Camilo,*

André, Roque, Paulo,

Fabé, Vitório, Rafael,

Mathias, Inácio, Vicente

Joaquim Duarte, Thomas José

, Miguel Valentim, Cristóvão

Claudina, Angélica, Joanna,

Angélica, Josefa, Maria,

Roza, Adelácia, Esperança,

Efigênia, Ignácia, Maria,

Joanna, Raquel

PARA A MÚSICA

Antônio de Tal, Zeferina.

CENA II- O JULGAMENTO

(Durante o julgamento atores no palco olhando para platéia)

JUIZ – Daremos início ao julgamento de Sr. Antonio de Tal e da negra fugida Zeferina. De acordo com os autos, os dois são acusados de arruaça e perturbação à ordem e aos bons costumes da cidade da Baía. Declaro aberta esta sessão. Peço que a acusação nos informe sobre o caso.

ACUSAÇÃO – Obrigado senhor meritíssimo, informo que a negra Zeferina não quis nos ajudar no processo e, até o momento, não pudemos ouvir sua voz. Ela se recusa a falar na língua magna desta terra. Apenas resmunga em seu dialeto sujo! Dando prosseguimento ao caso senhor meritíssimo, informo que a ré e o seu cúmplice são acusados pelos crimes de perturbar a ordem, assassinatos, roubos, incêndios de casas e rapto de uma menina branca. Eles estavam armados de arcos e flechas, facões, foices, espadas, lazarinas e lanças, instrumentos utilizados para ferir pessoas de bem.

(BLACK OUT)

CENA III – COZINHA DA CASA GRANDE/ESTUPRO ANÁ

(Negra Lina está no fogão preparando uma espécie de marmita.)

ZEFERINA JOVEM – O que é isso Lina?

LINA – É pros senhores minha menina. Ô você esqueceu que eles já estão de partida? Pronto! Isso deve servir pra eles forrarem o bucho até metade do caminho. A viagem é longa minha preta... muito longa.

ZEFERINA JOVEM – E eles vão demorar? Eles acham tudo no mole, deveriam se virar também. Quando estamos no mato temos que caçar e pescar pra comer.

ANÁ – Nem sempre nega, depende do caminho.

ZEFERINA JOVEM - Eu já ouvi muitas histórias de pai Euzébio, de como nas fugas eles tiveram que ficar de tocaia esperando a caça... Num se preocupe não Lina. Esta viagem vai demorar por demais.

ZÉ RAIMUNDO – (entrando) Ouvei dizer que se eles pegarem o caminho certo a viagem num vai demorar muito não.

ZEFERINA JOVEM – Que caminho é esse Zé Raimundo?

ANÁ – Responda não Zé, essa menina tá perguntando de mais.

ZÉ RAIMUNDO – Pai Euzébio quem falou! Disse que tem um caminho até a capital que é rapidinho, mas nem todo mundo acerta esse caminho. Então nó tamo muito longe da capital, Né Lina?

LINA – Um pouco Zé, daqui até a capitá tem muita terra, muito chão pra andar. É uma pena o disgramado do coronelzinho Afonso não ir também. Desta vez ele preferiu não acompanhar os pais. Ele deve de tá querendo aprontar alguma, só assim pra ele recusar ir pra capitá. Tu abre teu olho menina Zeferina. Cuidado com o coronelzinho, evite de ficar sozinha com ele.

ZEFERINA JOVEM – Mais por que? Eu não tenho medo dele... comigo ele não se engraça. Como faz com as outras. Passo a catana nele.

ANÁ – Passar a catana em quem Zefa?

ZEFERINA JOVEM – Aná, não era pra você tá na roça ajudando na colheita?

ANÁ – Dei uma escapulida!

LINA – Como sempre, né Aná?

BARONESA – (*gritando de dentro da coxia*). Linaaa!

LINA – Ô sinhá, já tava indo levar os mantimento. Vem Zé me ajuda. Aná ajuda Zeferina com o banho do coronelzinho, bem que ele podia ir pra essa viagem com os pais pra ajudar.

ANÁ – Ele é preguiçoso isso sim.

ZEFERINA JOVEM - E manhoso também! Ontem mesmo ele se deitou com a Maria. Ela me contou que ele trancou o quarto e forçou ela a se deitar com ele. Ele tá de olho em nós duas, só tá esperando uma oportunidade. Temos que ficar de olho, ainda mais agora que os pais vão viajar. Eu que na quero cair nessa desgraça.

ANÁ – Dêda gostou quando ele se deitou com ela, ela mesma me contou. Eu é que não quero me deitar a força com ninguém.

ENTRA A BARONESA COM LINA

LINA -... Coronelzinho poderia ajudar na viagem, a estrada é longa.

BARONESA – Se precisasse de ajuda levaria Zé Raimundo, não meu filho. Aliás, tome conta dele e não deixe faltar nada, ouviu? Já estamos de partida, creio que em três ou quatro semanas retornaremos, eu espero.

ZÉ RAIMUNDO – Vou ajudar a senhora baronesa a subir no cavalo.

LINA – Tudo bem sinhá, eu vou acompanhar ocês até a porteira. Zeferina, espia a água de banho do coronelzinho enquanto eu acompanho a sinhá e o sinhô até a porteira. Num deixa quentá muito não, pêra que já vorto.

ZEFERINA JOVEM – Vou deixar escalpelando pra cozinhar os olhos dele.

AFONSO (gritando de fora) – Negrinha, já pode trazer minha água.

ZEFERINA – To indo sinhozinho. Fique na banheira que já chego com a água no ponto pro senhor. Aná, leva lá que vou falar com o Zé Raimundo um assunto. Mas toma cuidado! Se ele tentar alguma coisa grita e sai correndo.

ANÁ – Tudo eu, tudo eu!

(Aná leva a água do banho de Afonso e encontra o rapaz, que se aproxima e começa a se viciá-la até agarrá-la de fato).

AFONSO – É hoje que voismicê não me escapa! Vem cá! Você vai gostar negrinha!

ANÁ – Pelo amor de Deus Sinhô, faz nada comigo não.

AFONSO – Não precisa ter medo, negrinha. Garanto que você vai gostar

ANÁ- Ô sinhô, tem dó da gente?

AFONSO – Dó? Tenho muita dó. Venha! Você vai gostar do que vamos fazer. Eu sou seu dono. Vai pagar pela comida que come, pelas roupas que veste, por ter onde dormir...

(Ele bate nela e ela cai no chão)

ANÁ - Minha mãe, me protege dessa maldição.

(Afonso tapa a boca de Aná e aproveita-se dela. Depois de saciado ele vira para o lado, cansado. Ela aproveita a fraqueza do coronel e sai correndo. Esbarra-se bruscamente em Lina).

LINA – O que foi menina? Tá fugindo do tronco é? (Aná sai correndo) Zeferina! Onde você está? Fez o que te pedi?... Onde essa menina tá?

(Zeferina volta com Zé Raimundo)

LINA – Zeferina... o que aconteceu com Aná?. Venha cá. De agora até o barão e baronesa voltarem, todo cuidado é pouco. O coronelzinho é treiteiro. Deveria ter te ensinado a se proteger e se defender...

ZEFERINA – pode deixar Lita, eu me protejo.

LINA – Tá! Agora vou eu, você e o Zé vê se achamos Aná... Quero saber o que aconteceu com ela. Vamos!

CENA IV- ESCRAVOS DE JÓ

GALEGO – eita que hoje é dia de festa! Os senhores viajaram... Eu quero encher meu bucho e jogar capoeira.

TODOS – Alegria!

INÁCIO - Não, não, bora aproveitar a saída dos senhores e vê na sorte quem ganha a bença da liberdade.

GALEGO: Ah, lá vem vocês com essa idéia de fuga. Esse negócio é muito perigoso.

TITO – Galego, deixe de ser frouxo! Quando é que teremos outra oportunidade dessas? Aproveita que eu tenho comigo algumas pedrinhas de aruana.

GALEGO: Ta bom, ta bom.

Zeferina, Zé Raimundo e Lina entram na senzala e a menina observa o grupo de jogadores. Vão para o lado oposto e se sentam.

CORO

"Escravos de Jó, jogavam caxangá Tira, bota, deixa ficar...Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue zá Guerreiros com guerreiros fazem zigue zigue zá..."

ZEFERINA - Mas quem é esse Jó? Ele tinha escravos como nós? Que caxangá é esse?

ZÉ RAIMUNDO – Boca fechada não entra mosca Zeferina. Nada do que fazemos ou falamos pode ficar claro para os sinhozinhos, é por isso que modificamos o significado de algumas coisas. Você ainda é muito bobinha, mas digo em sinal se... preste atenção! esse Jó simbolizasse o homem rico, o Barão? Caxangá é uma palavra dita pelos nativos desta terra? CAÁ-ÇANGÁ significa "mata extensa".

ZEFERINA – Entendi! E o que é Zigue zigue zá...?

LINA – Malícia de nego! Os guerreiros que fazem o zigue zigue zá, são os escravos fugitivos que correm em ziguezague para despistar o capitão-do-mato. Um dia todos nós seremos libertos e poderemos fazer o que quisermos e até voltar para nossa terra, como você deseja. Mas isso pode demorar muito, é por este motivo que decidimos no jogo quem deve ir, deixamos a sorte nos guiar.

ZEFERINA – Eu já tenho malícia. Posso jogar também Zé? Quero tentar a sorte no jogo, quero voltar para casa, para minha terra.

LINA – Sua terra é aqui agora. É muito longe, perigoso e impossível voltar pra casa.

ZEFERINA - Lá tem um trono que me espera, eu era princesa do meu povo e quando chegar lá vou ser rainha.

LINA – Tá Zefa! Ânimo! Refaça seu trono aqui mesmo, porque voltar pra nossa terra, nossa casa...

ZEFERINA - Tá Lina!

LINA - As coisas não são assim, vois micê ainda é uma menina, além do mais pode se perder na mata grande, passar fome e até morrer.

ZEFERINA – Deixa Lina, não quero ficar mais neste lugar, meu destino é ser livre, é cuidar do meu povo.

(Zeferina prontamente sai correndo em direção ao grupo)

ZEFERINA – Eu também quero tentar, tenho o direito de ser livre, não tenho?

TITO – Vai pro teu canto menina!

INÁCIO – Isso não é pra tu não!

ZÉ RAIMUNDO – borá deixar ela tentar, se esse for realmente o destino dela, se for da vontade dos Orixás a sorte estará com ela e a gente não tem como evitar.

ZEFERINA – Eu vou chamar Aná, ela também tem o direito de ser livre

(Coreografia de Escravos de Jô. Emenda com a fuga dos escravos. Barulho de pegadas nas folhas secas no chão da mata, Zeferina e seus companheiros correm apreensivos madrugada adentro. Eles percebem que já estão muito distantes da estância dos barões, decidem parar próximo a um rio, descansar e seguir viagem de manhã bem cedo.)

TITO – Vamos descansar aqui esta noite. Já estamos bem distantes da estância.

INÁCIO – Será que o capitão-do-mato e o feitor não alcança nois?

ANÁ – Minhas perna num agüenta mais.

MARIA – Mardita hora que fui jogar o jogo

ZEFERINA – Eu também to cansada, mais não vou desistir não.

GALEGO – Deixa de prosa! Acho bom nós falar baixo pra ninguém da cabo da gente.

TITO – Nós vai ficar aqui e pronto. Tem um riacho ali pra mo de nois matar a sede. Vamos dormir um pouco e amanhã bem cedo a gente continua a viagem.

(Eles se ajeitam como podem, as mulheres deitam juntas e os homens um para cada lado. Aos poucos o grupo dorme, Zeferina é a ultima a conseguir cochilar.)

CENA V- INQUÍCES/ORIXÁS

(a luz vai baixando aos poucos e fica apenas um foco em Zeferina. Todos os negros saem do palco, apenas Zeferina fica.)

ZEFERINA – Saudade de casa, da minha verdadeira e acolhedora casa! Aná, você não sente saudade de nossa verdadeira casa? Deixa pra lá... Acho que só eu entendo o que quer dizer minha casa... Nossa casa...

(Dorme. Os orixás entram e se posicionam. Inicia-se coreografia e música)

ORIXÁS:

Mariana: Iemanjá

Marcos: Exu

Heraldo: Ogum

Matias:

Aloma:

Gabriela:

Marrom:

Beto:

MÚSICA

ESU OTA ORISA

ESU OFI OKUTA DIPO IO

(primeira vez, apenas voz de Gabriela. Depois, mais três vezes com todos. Depois a coreografia continua apenas com a percussão. Zeferina acorda e vê seu orixá. Tenta fugir, até que seu orixá lhe entrega a pedra da proteção, ao tempo em que começa a tocar a música “Pedra”)

Não tenha medo, quero seu bem

Tô aqui pra te guiar Me olha nos olhos, esquece tudo

Vamos juntas mergulhar

Numa sensação de paz,

Que pode te acompanhar

A pedra da proteção

(coro: Esú Otá)

A Pedra da liberdade

(coro: de poió)

Que guia, que protege

E que traz serenidade

CENA VI – ASSALTO NA ESTRADA/CHEGADA NO URUBU.

(Alguns negros chefiados por Antonio de Tal iam para a beira da estrada ficar de tocaia esperando as tropas de burros que iam e vinham de Salvador para as cidades do recôncavo com as cargas de carne, farinha de mandioca, fumo, açúcar e outros materiais que serviam de insumo para a cidade).

EZEQUIEL – (apontando uma arma) dê cá essa carga.

JOSÉ – Eu vou enfiar é chumbo nesse teu lombo sujo, negro insolente.

CAPENGA – Vai dar uma de valente agora seu moço? Nois também tem chumbo grosso pro senhor.

EZEQUIEL – Só queremos a carga e mais nada, depois nós deixa ocês seguir o rumo.

FRANCISCA – Querem levar? Mais vão levar é chumbo nos peito (engatilha a arma)

CAPENGA - Aff que a dona é tirada a valentona, a senhora vai me desculpar mais não ferimos mulher não, acho bom ficar quietinha no seu canto e deixar nois resolver com o patrão aqui.

FRANCISCA – (tiro pra cima) esta prosa ta longa por demais, vamos negros, toma o rumo de vocês!

(Zeferina surge da mata)

ZEFERINA – Pode deixar que eu me acerto com ela. A dona quer bancar a durona? Vai ver só

EZEQUIEL: Baixa a arma, baixa a arma!

CAPENGA: Pega a carga, anda, pega a carga!

(Saem de cena, com os tropeiros carregando a carga. Entram as lavadeiras cantando. Após a música as lavadeiras enxergam o grupo retornado)

MÚSICA

Oieiê, oiêiê xorodó....

Oieiê, oiêiê xorodó....

É o mar, é o mar, Xorordó...

JOAQUINA (comentando com Maria) – Diacho, não é que os cabras conseguiram traveis.

ROZA - pegaram novamente a carga e saíram inteirinho.

MARIA DE SANTA ISABEL – Ô Joaquina! Eu que tô louca ou tu também ta vendo que eles estão acompanhados?

JOAQUINA – E não é que tão mermo!?

ROZA - Corre mulé, vai avisar a pai Antônio.

MARIA DE SANTA ISABEL (correndo) – Pai Antônio, pai Antônio...

ANTONIO DE TAL – Aff! Que não se pode mais tirar uma madorna que essa apoquentada vem atazanar meu juízo! Que diacho aconteceu Maria De Santa Isabel?

MARIA DE SANTA ISABEL – A benção meu pai! É que os menino tão vortando e tão trazendo algo além da carga.

ANTONIO DE TAL – Mais tão trazendo o que mulé? Desembuche!

JOAQUINA E ROZA (juntas) - Tão trazendo uma negra meu pai, a bença meu pai.

ANTONIO DE TAL – Cumé que é? Mais com a ordem de quem eles fizeram isso?

EZEQUIEL – Com a ordem de ninguém pai Antônio, trouxemos ela por que é uma de nós.

CAPENGA – É pai... ela inté nos ajudou a pegar a carga que passava lá na estrada das boiadas.

ZEFERINA – Não quero arrumar problema pra ninguém, se não sou bem-vinda vou embora.

EZEQUIEL – Calma lá menina! Tem necessidade de voismicê ir embora assim não.

CAPENGA – É Zefa, pai Antonio vai deixar ocê ficar, deixa ele prosear direito contigo que já já ele muda de opinião.

ANTONIO – E desde quando vocês dizem o que devo ou não fazer

EZEQUIEL – Pai antonio o senhor mesmo disse que os da nossa raça é chegado de bom grado por aqui, intão, ela não é uma de nós?

CAPENGA – Deixa quieto Ezequiel, o pai ta contra porque não viu a Zefinha pegar na arma como nós viu. Ela deu uma sova na branquela que deu testa pra gente lá na estrada, o senhor precisava de ver.

ANTONIO – Já disse que as coisas não são assim. Não é qualquer um que vem pra cá desse jeito não. Quem nos garante que ela não é uma negra de recado que ta de tocaia espiando o que a gente faz pra depois voltar correndo pra contar tudo que viu?

ZEFERINA – Não aceito que me chamem de traidora! Posso ser tudo, menos traidora dos meus irmãos de raça! Tudo que quero é um canto acolhedor e quem sabe a possibilidade de voltar para meu povo, minha casa. Eles precisam de mim, sou rainha deles. Serei tão boa quanto minha mãe, a rainha Amália.

ANTONIO – Rainha?! Me acompanhe mocinha, quero trocar um dedo de proza com vc.

(Antônio sai na frente e Zeferina acompanha)

JOAQUINA – Agora é que a porca torce o rabo!

MARIA DE SANTA ISABEL - Isso é que dá ficar trazendo qualquer um pra cá.

ROZA - Ocês sabem que pai Antônio não gosta disso.

CAPENGA – Acho bom calarem a matraca. Do jeito que Zeferina luta, é bem capaz que quando ela acabar a conversa com pai Antônio, ela vim dar uma sova em vocês.

EZEQUIEL – (rindo) E botar vocês pra correr do Urubu igualzinho como fez com os tropeiros lá na estrada das boiadas.

ROZA – ninguém aqui tem medo dela não, se ela é brava, nois também é.

JOAQUINA – isso ai Roza, quem ela pensa que é?

(abaixa a luz do grilo que sai. Foco em Antônio de Tal e Zeferina)

CENA VII- CONVERSA PAI ANTÔNIO E ZEFERINA/BRIGA AMÁLIA E IANOSÔ/MORTE DE AMÁLIA

ANTONIO DE TAL – Zeferina, a filha da Rainha Amália da Nigéria, viemos juntos da Nigéria pra cá e Amália perdeu sua filha quando desembarcamos no porto do Maranhão. Como o nosso grupo foi dividido em dois, Amália e eu seguimos pra Bahia, Zeferina deve ter ficado por lá e foi negociada por traficantes negreiros.

ZEFERINA – passei minha vida inteira com a memória da minha mãe martelando na minha cabeça, eu tinha apenas seis anos, lembro de pouca coisa, mas nunca esqueci que ela reinava na Nigéria. Por causa de uma tribo rival fomos enganados e fomos negociados com traficantes portugueses, que nos trouxeram para o novo mundo.

ANTONIO DE TAL – Amália infelizmente não resistiu, lutou o quanto pode para reaver sua filha, mas infelizmente ela morreu tentando. Não sabendo ela que sua filha um dia retornaria para casa que ela ajudou a construir. O desejo de Amália era transformar a Cidade da Bahia na província d'África Além – Mar, ela queria que nosso povo vivesse aqui, colhendo, plantando, mantendo a vida que tínhamos por lá, já que era impossível voltarmos.

ZEFERINA – Mas não existe nenhuma forma de voltar?

ANTONIO DE TAL – a não ser que você tenha como roubar uma Nau, você tem como? (risos), isso é impossível minha rainha.

ZEFERINA – Pai Antônio, como minha mãe morreu?

ANTONIO DE TAL – é uma história triste minha filha... Amália conseguiu a alforria com muito custo, trabalhamos de sol a sol numa fazenda lá em Cachoeira e no dia que ela conseguiu a liberdade me chamou pra sair de lá com ela. Ela saiu pela porteira da frente, com seu ar de soberba, igualzinho ao seu (risos). Eu fugi no dia seguinte, aproveitei que era período de colheita e me mandei amalocado na carga. Nos encontramos no meio do caminho, Amália já estava a minha espera... apreensiva. Caminhamos pelo mato, beirando a estrada das boiadas e já próximo a capital nos deparamos com este lugar aqui. Meu xangô me disse que este lugar era perfeito para estabelecer sua morada. Decidimos ficar também porque Amália achava que mais perto da capital teríamos como criar um plano de invasão para render a cidade e matar os brancos.

ZEFERINA - Matar os brancos, pai Antônio?

CORO: Morra branco, viva negro!

ANTONIO DE TAL – Sim Zeferina, Amália tinha ódio dos brancos que a tiraram de sua pequena princesa, ela até em sonhos gritava: morra Branco, viva negro! No início não entendia muito o quê ela queria dizer com isso, depois percebi que Amália não perdoava aqueles que haviam retirado dela as duas coisas mais preciosas que ela tinha: você e a liberdade. Amália durante muito tempo maquinou um plano de invasão da capital, a primeira vez, em 1807, ela arquitetou um plano, mais nem chegamos a tentar. Sete anos depois, em 1814 por duas vezes tentamos invadir a Capital, na primeira desistimos, ela achava que não tínhamos pessoas suficientes para armar uma arapuca para os brancos. Na segunda, chegamos bem perto da boca da entrada da cidade, mais foi em vão, Amália foi traída por uma negra alforriada chamada Ianosô, que tinha mania de grandeza e queria ser tratada como os colonizadores, até nome de branco ela adotou: queria ser chamada de Francisca da Silva.

(Representação da história de Aná, Amália e Ianosô)

AMÁLIA (Entra puxando Aná pelos braços) – Ianosô, veja quem eu encontrei nas imediações do Urubu, uma menina linda, me lembra minha pequena princesa. Ela deve estar com fome e com sede, encontrei caída perto do antigo pé de louco, na cachoeira de Oxun

IANOSÔ – Amália, já não te disse para não me chamar desse jeito? Meu nome é Francisca da Silva. Não comprei minha alforria a toa, tenho que aproveitar todas as vantagens que ela me dá, como por exemplo um nome digno.

AMÁLIA - não seja besta Nonô, sabe que não é aceita pelos colonos, se fosse assim você estaria lá na capital, com eles, comendo e bebendo do melhor.

IANOSÔ – nunca mais repita isso! Sabe muito em que estou aqui por que quero.

AMÁLIA - Deixa Antônio saber que a senhorita ainda não tirou essas ideias maluca da cabeça ainda.

IANOSÔ - Não devo satisfação nenhuma a ninguém, nem a você e sem aquele velho gagá.

AMÁLIA – Dobre sua língua para falar de Antônio!

IANOSÔ - Vocês são muito burros. Acreditam mesmo que esses feitiços vão levar a gente a algum lugar? Que aquela ideia estúpida de invadir a Cidade do Salvador vai mudar o rumo das coisas?

AMÁLIA – Puxa pra dentro Ianosô! Enquanto estiver sob este teto acho bom respeitar aqueles que te deram um abrigo. Não falo de mim e nem de pai Antônio, me refiro a Xangô, a Oxum, a Ogum! Aprende a respeitar tuas origens menina. Vamos! Puxa pra dentro, vai caçar o que fazer!

(Ianosô sai)

AMÁLIA – Vem menina, vamos procurar o que comer. Você precisa descansar um pouco.

(Amália e Aná saem)

ANTONIO DE TAL – Por causa da discussão Ianosô começou a guardar raiva de Amália, daquele dia em diante não trocaram mais uma palavra. Ianosô começou a maquirar um plano para se vingar. Primeiro ela ia fazer com que os brancos matassem Amália, em seguida ela iria comprar Aná das mãos de um traficante. Tava tudo arquitetado, ela tinha feito um acordo com o cabra, eles falsificaram um papel dizendo que Aná era dele, assim ela podia compra-la e fazer dela uma das muitas escravas que ela iria ter daqui pra frente.

ZEFERINA – E de que forma ela ia fazer os brancos matarem minha mãe Pai Antônio?

ANTÔNIO - Quando finalmente a segunda tentativa de invadir a capital já estava articulada, Amália convocou todos para uma revolta. Ela tinha feito contato com a maioria dos negros da capital, éramos muitos, desta vez ia dar certo! O que Amália não esperava era o ódio no coração de Ianosô. A disgramada contou para os guardas que na noite de natal a gente ia invadir a cidade e decapitar os brancos, um por um. Ianosô fez um acordo com eles em troca de um terreno longe da cidade para cultivar seu santo, ouro, e a possibilidade de ter seus escravos como os brancos. Eles aceitaram. Na hora que estávamos de tocaia...

(Cena da morte de Amália. Os negros liderados por Amália fazem menção de entrar na cidade. Na mesma hora tiros de armas são disparados. Amália que estava à

frente do grupo cai no chão. Aná chorando corre para socorrê-la, coloca o corpo desfalecido no colo e chora. Entra Ianosô e leva Aná com ela.)

IANOSÔ – Venha menina, agora tu vai saber de fato o que é viver. Vou te ensinar os costumes dos brancos, vou fazer de você uma mulher parecida comigo.

ANTÔNIO - E nunca mais vi nenhuma das duas. Durante muito tempo ficamos de luto por causa da morte de Amália. Xangô não pediu mais festa... Iansã não pediu mais festa... Oxu não reclamava mais por causa da sua comida... O Urubu estava triste! Depois ficamos sabendo que Ianosô não conseguiu se desvincular de suas raízes, conseguiu o que queria: ser chamada de Chica da Silva, mais também tornou-se matriarca de um terreiro lá nas imediações das Cajazeiras. Ela conseguiu transformar Aná em uma de suas filhas de Santo e também lhe deu um nome branco... Marcelina da Silva. Tempos depois a própria Aná conseguiu sua alforria, também se tornou rica e passou a comprar outros negros, tornando-os seus escravos. Mais vamos deixar essa proza do passado de lado. Tu parece que tava adivinhando menina, chegou exatamente no dia da festa de Iansã. É ela que rege tua cabeça, é ela que guia teus passos. Vamos ver como é que ta o movimento lá fora por que hoje é dia de festança, o Quilombo do Urubu ta em festa! Sua filha querida finalmente chegou.

MARIA DE SANTA ISABEL – Pai... o senhor ainda vai demorar muito? É que ta quase na hora e o senhor ainda não ta pronto. Vamos!

ANTÔNIO – Venha Zeferina, vamos comemorar conosco.

ZEFERINA – pode ir pai Antônio que vou logo em seguida. (Pai Antônio sai) Se preocupe não mãe, sei que a senhora me guiou até aqui, sei que a senhora me reserva algo de especial (pega a pedra q esta entre os seios). Sei que minha liberdade esta cada vez mais próxima, sinto isso! Vou te vingar, vou acabar com aqueles que me separaram da senhora.

(Zeferina sai. Coreografia da festa de Iansã)

CENA VIII –INDEPENDÊNCIA DO BRASIL/ REBELIÃO NOS QUARTÉIS

(Formação de tropa para passar em revista. Um mensageiro entra com um recado para o Brigadeiro Manuel Pedro de Freitas Guimarães)

BRIGADEIRO MANUEL GUIMARÃES – Sentido! Pode descansar, cadete.

MENSAGEIRO – Por decreto das Cortes Portuguesas, informamos que a partir de hoje, o Sr. Inácio Luís Madeira de Melo, será o Governador das Armas da Província da Bahia, e tenho dito!

MANUEL – Não é possível, como pode ser?

CADETE 1 – Permissão para falar, senhor!

MANUEL – Permissão concedida. Prossiga, cadete!

CADETE 1 – As cortes devem estar descontentes por apoiamos as causa de D. Pedro, senhor!

CADETE 2 – Vamos nos rebelar!

CADETE 3 – Vamos tomar o quartel!

MANUEL – Convoquem todos para o centro do forte, tragam todas as armas e pólvora que dispomos. Quero todo mundo reunido aqui, já! Sentido!

(os cadetes saem marchando, em seguida Manuel retira-se, seguido do mensageiro. Cena de pequenos confrontos com três duplas, um aparecendo de cada vez)

CENA IX- FUGA DA POPULAÇÃO

CARLOS – Corre mulher, reúne as crianças e os escravos. Vamos partir ainda esta noite para Santo Amaro. Muito sangue será derramado na cidade da Bahia.

JOANA – Como assim, Carlos? O que houve homem de Deus?

CARLOS – Estão dizendo que o Príncipe resolveu separar a o Brasil de Portugal, os portugueses não querem deixar isso barato mulher, vai ter muita briga, tu vai ver só. Acho melhor ficarmos longe disso. Vamos pra vila de Santo Amaro esperar a poeira assentar, depois nois vorta.

JOANA – Mais quem te disse isso homem? Você andou bebendo de novo? Tava na taberna de seu Heraldo outra vez, Carlos?

CARLOS – E foi por estar na taberna que soube disso tudo! Agora recolhe teus panos de bunda e vamos embora! Mais se tu quer ficar, fica. Vou embora com os meus filhos e com os poucos escravos que tenho.

JOANA – Espera homem, vou contigo também!

(saem)

CENA X- CONTINUAÇÃO DA REBELIÃO

CADETE 1 – Esse aqui é o ultimo barril de pólvora que tava lá no depósito, tudo que temos esta aqui. E agora Brigadeiro o que faremos?

BRIGADEIRO MANUEL – Aguardamos. Se eu estiver certo, aquele miserável do Madeira de Melo não vai deixar isso barato. Do jeito que ele defende Portugal, já já ele manda matar todo mundo aqui. Continuem vigiando, qualquer sinal de embate vocês me avisam

CADETE 2 – Sr. O mensageiro vem vindo!

BRIGADEIRO MANUEL – Abram os portões do Forte, deixem-no entrar!

MENSAGEIRO – Em carta às cortes de Lisboa, o Governador das Armas da Bahia, Sr Madeira de Melo, declarou: “O Brasil, depois de se haver sublevado e proclamado a sua independência, já não pode ser restituído ao seu antigo estado senão por meio da guerra”. Portanto, exige imediatamente a rendição dos revoltosos, ou pagarão com a própria vida por esta nefasta desordem.

CADETE 1 – Não nos entregamos!

CADETE 2- Não nos entregamos!

(Mensageiro sai)

CADETE 3 – Sr. O sentinela do lado leste do Forte informou que alguns homens armados se aproximam, o que faremos?

BRIGADEIRO MANUEL – Todos em seus postos agora! Pela liberdade do Brasil!
(Tiro)

CADETE 1 – pela honra de D. Pedro, nosso rei!

CADETE 3 – Vamos homem!

CADETE 2- Lutem por nossa glória e honra!

CADETE 4- Lutem por nossa pátria!

CADETE 5 – Abaixo os tiranos!

Os revoltosos do Forte São Pedro começam a ter baixas, Brigadeiro Manuel decide recuar com a tropa.

BRIGADEIRO MANUEL – Vamos homem! Sargento, vamos recuar! Avise a todos para nos encontrarmos no muro que dá em direção ao mar, de lá nos embrenhamos na mata e seguimos em direção ao Recôncavo. Vamos buscar apoio.

CENA XI- CONVERSA NO ESCURO

FIRMINO – Zeferina, vem cá

ZEFERINA – Que é homem? Parece que viu um capitão do mato!

FIRMINO – É que tão dizendo que ta acontecendo uma arruaça lá na Cidade da Bahia, fiquei sabendo que os brancos e os cabras estão lutando por causa de um tal de D. Pedro. Dizem que ele se revoltou contra o próprio pai e que a colônia não pertence mais a Portugal.

ZEFERINA – Como assim Firmino?

CAPENGA – É verdade Zeferina, já tem um bando de tempo que eles estão de briga, tem até uma história que eles tão recrutando os negros dos portugueses para lutar contra os próprios donos. Os negros que aceitarem vão ganhar alforria e tudo

FIRMINO – Verdade Zeferina!

ZEFERINA - Como é que isso aconteceu homem? Me conte tudo ai, vá!

EZEQUIEL – A colônia se libertou de Portugal, mas isso foi bem aceito no Rio de Janeiro, mas disseram que na Cidade da Bahia os portugueses não queriam aceitar a decisão e, por conta disso, decidiram entrar em guerra.

FIRMINO - Os negros e os índios estão sendo recrutados para lutar em favor da libertação do Brasil.

CAPENGA – E em troca vão libertar a gente, se a gente lutar com eles.

ZEFERINA – Eei não... e se isso for uma arapuca pra nós? E se eles só usarem a gente como sempre fizeram e depois da guerra nos obrigarem a continuar trabalhando pra eles

FIRMINO – Meus meninos disseram que teve um pega pra capá lá em Cachoeira, que uma pequena frota de canoas, armados com espingardas de caça e um velho canhão, rendeu o comandante português e seus 26 marinheiros que atacaram a cidade no dia que a câmara de vereadores estava festejando o apoio ao príncipe regente. Eles criaram um conselho pra resolver as coisas da guerra e que tão recrutando todo mundo

CAPENGA – Veio até um tal de General do velho mundo, trazendo gente lá das bandas do Maranhão e Pernambuco, pra lutar por aqui.

FIRMINO – Os mininos assuntaram dizer que é ideia dele usar os pretos pra lutar também e, que ele garante pela palavra dele que nos vai ser livre quando a guerra acabar.

EZEQUIEL – Só sei de uma coisa, se essa é a forma de nos ter a nossa liberdade, eu vou. De qualquer sorte nós morre, pelo menos não vamos continuar escondido e nessa miséria de vida.

ZEFERINA – Acho melhor a gente pensar direito nisso ai, pai Antônio já tá sabendo disso?

(Entra Antônio de Tal)

ANTÔNIO – Sabendo de quê?

(todos saem, fica Zeferina e Antônio)

ZEFERINA – Da Guerra pai, os brancos tão lutando pela cidade da Bahia.

ANTÔNIO - E o que nós tem com isso?

ZEFERINA – É que tem uma conversa ai que tão convocando os preto pra lutar em troca de liberdade.

ANTONIO - E você acredita nisso?

ZEFERINA – Não sei pai Antônio, pode ser uma oportunidade de ver como as coisas estão, se de fato eles vão da a liberdade eu não sei. Só sei que vai ser uma boa acabar com meio mundo deles.

ANTONIO – Deixa disso menina, já disse pra você acabar de vez com o ódio que tu tem deles, isso não leva ninguém a nada.

ZEFERINA – De qualquer sorte é uma oportunidade que a gente não pode perder, de uma coisa eu sei, independente da situação o Urubu tem que ficar intacto, ninguém pode dar cabo da gente.

ANTONIO – Teu caminho já ta traçado menina, não queira encurtá-lo. Iansã que guie teus caminhos

(Antônio sai)

CENA XII- ENCONTRO ENTRE AS ZEFERINAS

ZEFERINA – Você tai?

ZEFERINA BRANCA – Você sabe que sim, sabe que há muito tempo esperamos esta oportunidade.

ZEFERINA – Não diga estas coisas, sabe muito bem que não sou igual a você.

ZEFERINA BRANCA – (Risos) Vai me negar agora? Você sabe muito bem que não vivemos uma sem a outra. Esta é a hora! Agora é o momento de você colocar em prática tudo que aprendemos com os brancos, com os colonizadores, com aqueles que nos tiraram de nossa Iyá (mãe), de nosso ilê (casa).

ZEFERINA – Não toque no nome de minha mãe, não fale de minha casa.

ZEFERINA BRANCA - Nossa mãe, nossa casa! Não se esqueça de quem somos.

ZEFERINA – O que você quer?

ZEFERINA BRANCA – O mesmo que você: Voltar pra casa, voltar pra minha terra, para o meu trono, pro meu povo... Vamos Zeferina, você sabe o que fazer.

ZEFERINA – Não! Não foi isso que pai Antônio me ensinou!

ZEFERINA BRANCA – Pai Antônio, Pai Antônio, não entendo porque você segue tanto os conselhos desse homem! Pai Antônio não estava com você em suas noites de frio, de fome, de chibatadas, de abusos de “sinhorzinhos”. Era eu quem estava lá! Eu não sou o que você aprendeu com esse velho sonhador, eu sou o que você aprendeu com a vida. Eu sou o que tá marcado no seu corpo e não vou deixar você esquecer quem nos fez tudo isso. Eu quero vingança, Zeferina. Eu quero ver você botar para fora esse ódio encarnado que você tem pelos brancos. Você não quer proteger o Urubu? Só assim você vai conseguir.

ZEFERINA – Assim como? O que você quer dizer?

ZEFERINA BRANCA – Não se faça de tola. É hora de fazer conchavos, alianças. Precisamos fazer com que eles acreditem que vamos lutar numa batalha que não é nossa. Em troca, ganharemos aquilo que sempre buscamos, nossa liberdade e depois, livres e com as armas que roubaremos do exército tomaremos esta cidade e nos vingaremos de todos os brancos.

ZEFERINA – Você tem razão... vá! Leve o Otá Orisá, que nossa mãe Iansã guie nossos passos.

(coreografia e música Esú Otá para finalizar a cena)

CENA XIII –CORO DE FOCAS

CORO 1 – Quem esse tal de Labatut pensa que é? É certo que estamos com muitas baixas na frente de combate, mas daí convocar negros para lutar contra os portugueses? Isso é demais!

CORO 2– onde está o Conselho Interino de Governo? Isso é um despautério. Vamos informar a D. Pedro que o general que ele contratou para comandar a guerra na Bahia esta na verdade colocando nossos negros na frente das batalhas.

CORO 3 – Fiquei sabendo que Pierre Labatut recrutou e alistou os escravos do Português Manuel, somente por que ele não quis lutar nas guerras contra Portugal.

CORO 4 – Labatut criou o Batalhão de negros cativos, crioulos e africanos, cujos soldados estão sendo treinados nas imediações de Cachoeira por um tal Coronel Afonso Filho.

CORO 5 – dizem que esse aí é um tal revoltado que saiu de lá do Maranhão quando Labatut passou por Pernambuco e desceu pelo sertão até chegar à Bahia.

CORO 1 – boatos chegaram aos ouvidos dos pretos, eles começaram a se oferecer voluntariamente em troca da liberdade.

CORO 2 – e se os negros aproveitarem o ensejo para utilizarem as armas para rebelarem-se contra nós?

CORO 3 – vamos comunicar ao conselho, pedir que pelo menos se os pretos forem autorizados para seguir na luta que não deem para eles as poucas armas que temos.

CORO TODOS – temos que evitar que os pretos utilizem armas, desta forma estaremos evitando nossa própria derrota.

CENA XIV - REENCONTRO DE ZEFERINA E CORONELZINHO AFONSO

CORONEL AFONSO - Vamos homens!, Lutem! Lutem!

(coronel Afonso esta no batalhão de Pirajá treinando alguns homens quando é surpreendido por Zeferina)

CADETE – Coronel, tem uma preta querendo falar com o senhor

CORONEL AFONSO – E o que ela quer? Lutar? Rsrrsrs

ZEFERINA BRANCA – Isso mesmo! Se é que voismicê me permite.

CORONEL AFONSO – Volta pra tua senzala Negrinha! Isso aqui é coisa pra homem e os nascidos aqui, os demais não são bem vindos.

ZEFERINA BRANCA – É que ouvi umas histórias que estão precisando dos pretos pra lutar na guerra da Bahia. Vim aqui negociar nossa participação já que em troca vocês estão dando alforria.

CORONEL AFONSO – Que despautério é esse negra insolente! (vira-se e fica surpreso em ver zeferina) Ora, ora! Veja quem finalmente encontrei. Por onde andou por todo esse tempo menina Zeferina, você não sabe o quanto eu espero para te encontrar. Não é que justamente quando eu menos espero me esbarro com vc?

ZEFERINA BRANCA – Coronel Afonso? O que o senhor faz por essas bandas?

CORONEL AFONSO – Quem tem que perguntar aqui sou eu e não você. Mas se é pra te satisfazer, respondo: Vim a convite do General Labatut, sou braço direito dele agora... amanhã estou de partida para Cachoeira para treinar uma nova leva de pretos, estamos formando o Batalhão dos Negros, Cativos e Crioulos.

ZEFERINA BRANCA – Por isso vim aqui, vim me oferecer para lutar a favor dos brasileiros, temos muito braços para essa nova empreitada. Em troca já sabe o que queremos.

CORONEL AFONSO – Quem você pensa que é para falar comigo assim negrinha? Baixe seu tom!

(Zeferina puxa a espada de Afonso e encosta no pescoço dele)

ZEFERINA BRANCA – Calma lá coronelzinho... estou aqui pra oferecer apoio, se não que ajuda, vou me embora e sigo meu rumo.

CORONEL AFONSO – Baixem as armas! Tudo bem negrinha... você e seu bando poderão lutar conosco, depois teremos uma conversa só nós dois. Vá traga mais negros para lutar conosco, partiremos amanhã de manhã bem cedo para Cachoeira.

ZEFERINA BRANCA – E quanto ao nosso trato?

CORONEL AFONSO – não se preocupe que o General Labatut deu sua palavra e horará com ela, depois da guerra todos os negros que lutarem do nosso lado estarão libertos.

(Coreografia 2 de julho/bastões)

CORONEL AFONSO – Zeferina, amanhã de manhã marcharemos em direção a Salvador, o combate acabou!

ZEFERINA – Seremos livres!

CORONEL AFONSO – Agora só depende de você Zeferina, me dê o que finalmente desejo que te darei o que você sempre sonhou.

ZEFERINA – Do que o Sr. Esta falando? Vamos cumprir nosso trato e pronto, cada qual segue seu caminho. O Sr nos deu a palavra que seríamos libertos quando a batalha terminasse, não foi?

CORONEL AFONSO – Eu dei minha palavra? Claro que não negrinha, não seja tola! Te disse que o General Labatut dava a palavra dele, além do mais ele já não comanda mais as tropas da Bahia, o Conselho Interino de Governo mandou despacha-lo por causa das suas ideias loucas de colocar os negros na guerra.

ZEFERINA – Quer dizer que lutamos em vão? Quer dizer que não teremos mais a alforria?

CORONEL AFONSO – E você acreditou mesmo nisso? Acha que te libertaria sem mais nem menos? Você é minha propriedade Zeferina. Não se esqueça que ainda é uma escrava e que me pertence. De todas as negrinhas da estancia, você foi a única que não consegui possuir. Fugiu quando eu menos esperava.

ZEFERINA – O senhor perdeu a noção do perigo? Acha mesmo que vou me entregar facilmente? Vai, toma seu rumo coronel! Ou prefere ficar por aqui mesmo?

CORONEL AFONSO – Você não vai me escapar outra vez, vem negrinha você vai gostar.

(Zeferina dá um golpe de capoeira e o coronel perde a arma, ele parte pra cima dela, na hora Ezequiel e CapeNga chegam e ameaça o Coronel, todos fogem)

CENA XV – O Levante do Urubu

Conversa de Antônio com os Orixás (coreografia)

ANTONIO -

No seu coração só existia a vontade de vingança. O respeito já havia conquistado pelos outros integrantes, inclusive de Pai Antonio, que deixara em suas mãos a responsabilidade de conduzir os outros na hora de furtar as tropas que continuavam passando na estrada. Outro sentimento renascera no coração da jovem guerreira, a

vontade de voltar para casa. Desde que chegou no quilombo do orobu o convívio e o sentimento de liberdade pareciam amenizar este antigo sentimento. Agora, antes de qualquer coisa, o que ela mais queria era retornar para seu lar, seu continente. Nem que para isso ela tivesse que render toda a cidade e tomar um navio para seguir o seu destino, a liberdade.

Foi nessa hora que Zeferina teve um estalo, uma idéia repentina que poderia dar certo. Não comentou com ninguém, ficou com aquilo matutando na sua cabeça durante muito tempo, arquitetando cada passo, cada coisa era minuciosamente pensada. Até que um dia decidiu contar para Pai Antonio. Ele de inicio achou muito perigosa a idéia, achou que seria inviável, mas, diante da certeza e da vontade de Zeferina ele decidiu aceitar.

CENA VII – O Levante do Urubu

Os quilombolas se armariam com arcos e flechas, facões, foices, espadas antigas, lazarinas e lanças. O ataque seria programado para o dia 24 de dezembro de 1826, véspera do natal, com o apoio dos negros nagôs e escravizados do recôncavo, tendo finalidade de matarem todos os brancos da cidade, roubar os navios do cais do porto e seguir rumo à África com os negros que assim desejassem, os que quisessem poderiam ficar e instalar na antiga capital da colônia um reino africano. Mas algo deu errado, em uma ultima emboscada na estrada das boiadas, com o intuito de angariar armas e mantimentos para a peleja que se aproximava, o bando de Zeferina mais uma vez atacaria os tropeiros que passavam pela estrada. Desta vez algo saiu errado. O batalhão de Pirajá armara uma emboscada para liquidar os arruaceiros, colocaram um saco de farinha com um pequeno furo e quando os mesmos atacaram as tropas, levaram consigo o saco com a armadilha. A idéia era fazer com que o saco marcasse a trilha até onde o Quilombo se encontrava. Assim eles seguiriam a trilha, matariam e prenderiam Zeferina, Pai Antonio de Tal e o seu Bando. A emboscada foi armada no dia 17 de dezembro de 1826, sete dias antes do inicio do plano de Zeferina. No confronto do dia 17 os quilombolas saíram do mato gritando: Mata branco! Viva negro! A luta foi violenta e as tropas do governo usaram armas de fogo, fazendo com que os quilombolas recuassem, ficando somente a negra Zeferina lutando de arco e flecha na mão bravamente até ser presa.

Com a derrota dos quilombolas se iniciou uma violenta perseguição policial contra os negros da região, sendo realizadas diversas prisões e destruição dos objetos de culto. O rei do quilombo foi ferido e preso com trajes propícios ficando internado no hospital.

Meses depois Zeferina e Antonio de Tal foram a julgamento.

CENA VIII – Julgamento, II Parte

(retomada da cena inicial – o Julgamento)

Por fim, Zeferina e Antonio de Tal foram condenados a prisão perpetua, até o fim das suas vidas eles seriam obrigados a calçar as ruas de Salvador com pedras. O trabalho árduo e cansativo fez Zeferina nos fins dos seus dias retomar as suas origens, ela relembra dos seus momentos de infância e de tudo que sua mãe lhe ensinou. Antes do ultimo suspiro, ela retomou o dia que foi batizada, o dia que recebeu o nome dos seus ancestrais, o primeiro contato com seus orixás.

(No telão um pequeno vídeo com a seguinte cena:)

Todo Orisa tem que, obrigatoriamente, ser assentado em uma pedra ou em algum material que dela tenha vindo; exemplo: o ferro em que se assenta Ogun é a transmutação da pedra, transformada em ferro por intermédio do fogo. Dessa forma pode-se dizer que Ogun é assentado na pedra. Outro aspecto interessante é que o corpo humano é composto de vários elementos, e entre eles um dos mais importantes é o barro modelado por Ajala, onde, posteriormente, é inserido por Obatala, o Bara, o ESU do movimento. Outro aspecto de grande importância relacionado à terra é o Ikomojade (imposição de nome ou batismo). Nele o pai pega a criança e coloca o pé dela sobre a terra fofa, especialmente preparada para o momento, recitando o seguinte verso de Ifa:

Yoruba

Ilé

A o gbe omo, ao fi ese omo naa te ile,

A o wa wure bayi pe,

Ile ree o,

Ile ogere,

Ile ni a nte ki a to te omi,
A ki nbinu ile ki a maa te,
Bi o ba nrin nile ki omo araye ma binu re,
A ki nbale sowo ki a padanu,
Gbogbo ohun ti o ba dawole lori,
10. Ile aye yi,
11. ko ni padanu.

Terra

Os pais pegam a criança e colocam o pé dela sobre a terra, iniciando a recitação.

Eles chamam o nome da criança e falam:

1. (Nome da criança) Aqui está a terra,
2. A terra que está espalhada pelo universo,
3. É nela que se pisa primeiramente,
4. Antes de se pisar na água.
5. Ninguém que tenha ódio da terra,
6. Priva-se de pisar nela.
7. Quando você anda sobre a terra,
8. Os seres humanos não terão ódio de ti.
9. Todos que fazem negócios com a terra lucram com ela,
10. Tudo que você se propor a fazer na sua vida,
11. Não será em vão, você lucrara na vida.)

Black out. (Fim)

6.2. PLANTAS DA ILUMINAÇÃO

Primeira planta da iluminação cênica criada para o processo. Sofreu adaptação já na primeira montagem, pela quantidade limitada de equipamentos existente no local não permitir sua completa execução.

6.2.1 Planta original do projeto de montagem

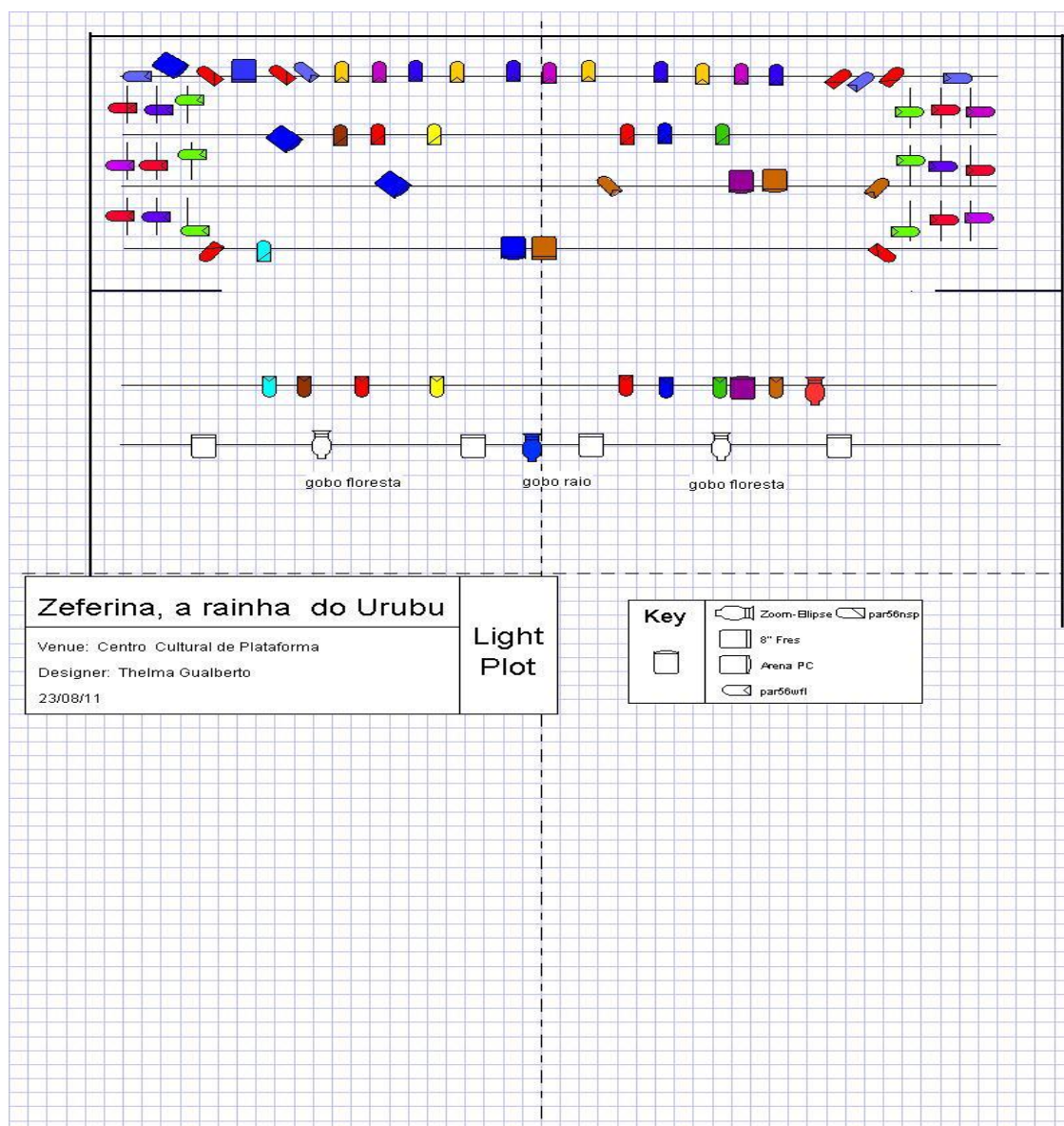


Fig. 9

6.2.2 **Planta** (adaptação que seguiu por todas as montagens).

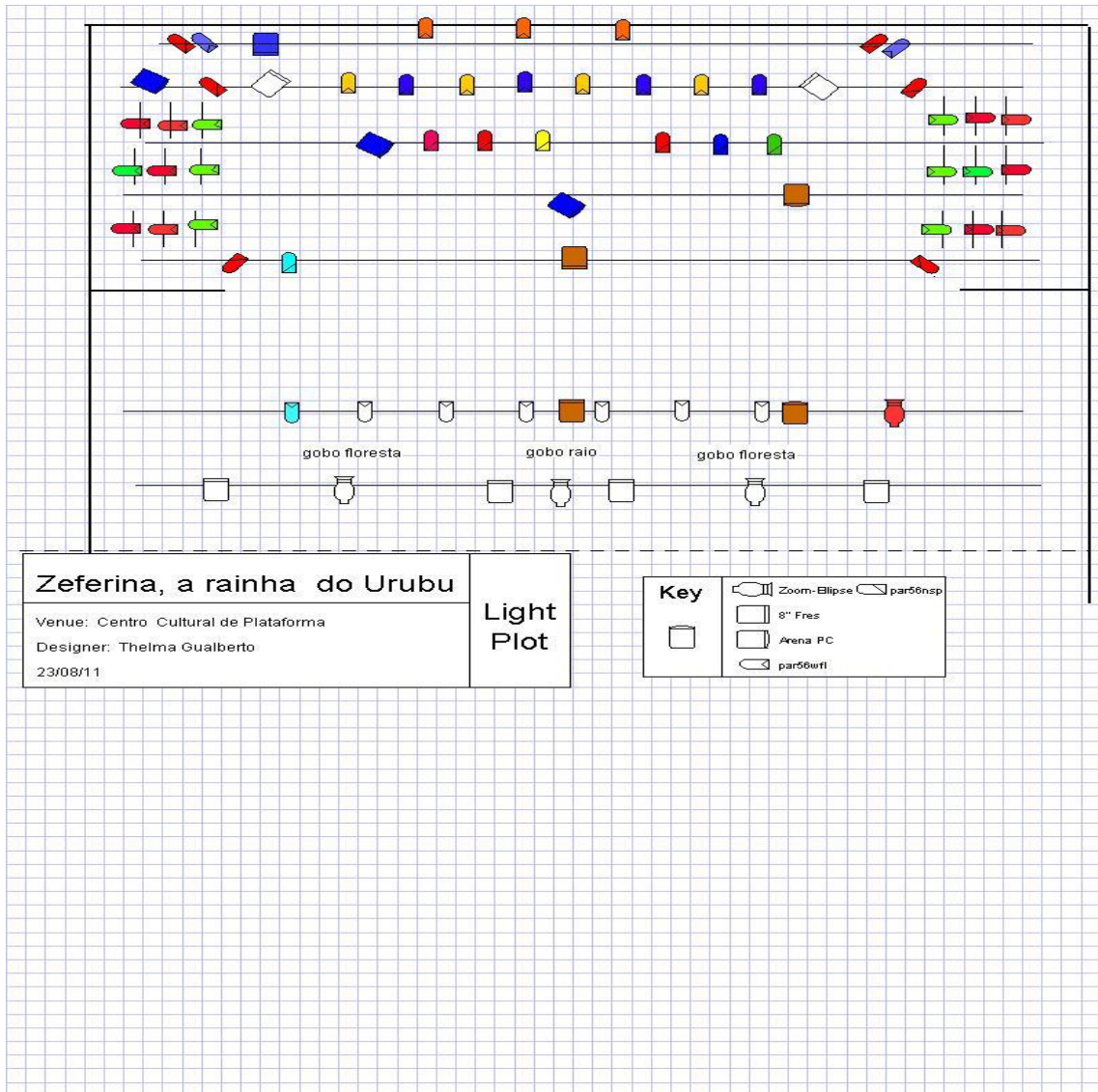


Fig.10

6.2.3 **Planta** - (Essa planta trás no seu desenho a recriação das cenas para as futuras montagens com a ocupação cênica planejada).

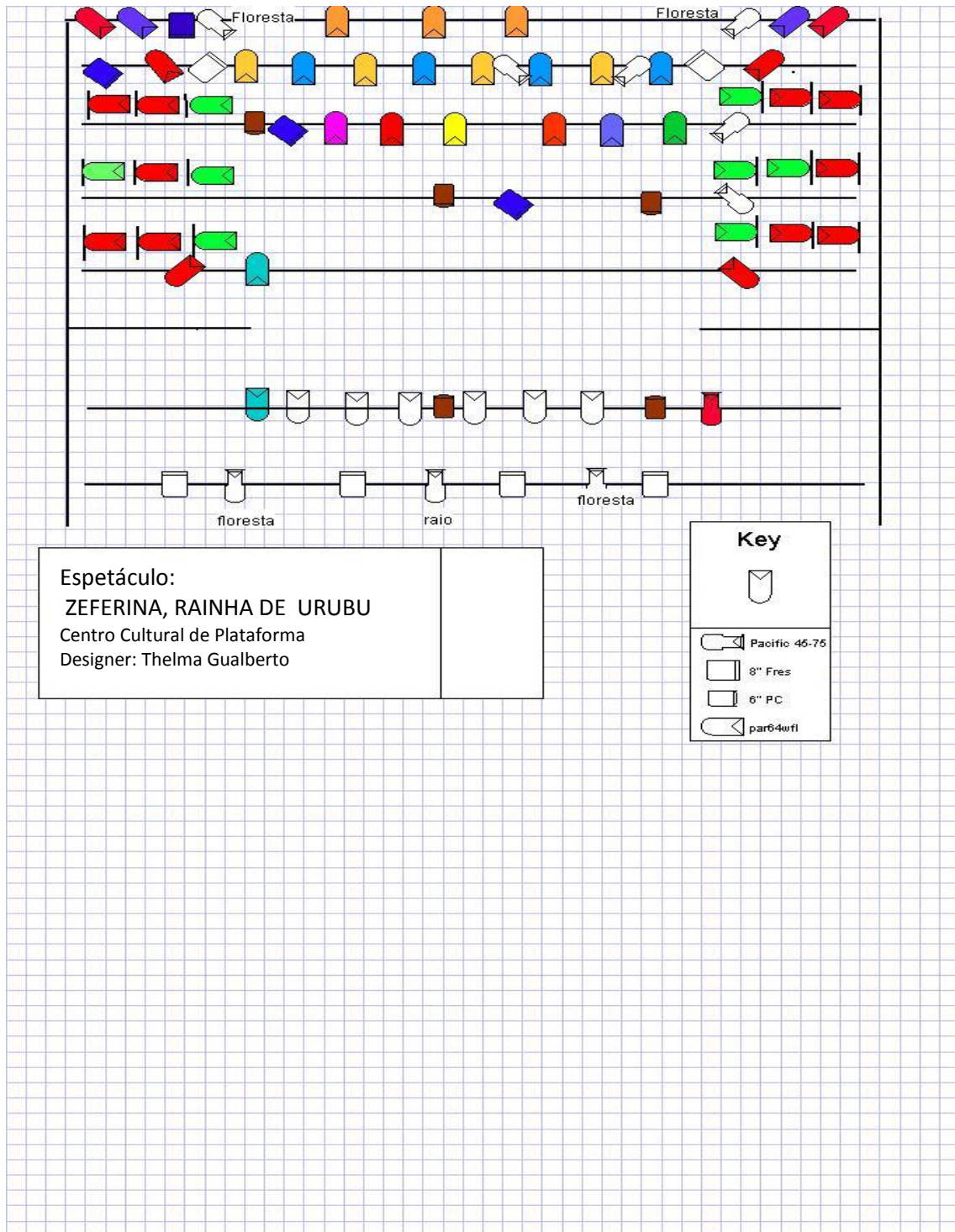


Fig. 11

6.3 AGRUPAMENTOS DA MONTAGEM DA PLANTA DE ILUMINAÇÃO DO ESPETÁCULO ZEFERINA NO TEATRO PLATAFORMA

CANAL	DIM MER	NOME DA LUZ	COR ROSCO	TIPO E EQUIP.	POTÊNCI A A TOTAL	LINHA CCP.
1	1	CONTRA AMBAR	Golden âmbar 21 da supergel	PAR FOCO 5	3000W	5/10 E 6/9 1ºVARA PALCO PLATEIA
2	2	EFEITO BANDEIRA AZ	DARK BLUE 119 E- COLOUR	PAR FOCO/1	2000W	2/13 1ºVARA PALCO PLATEIA
3	3	EFEITO BANDEIRA VM	LIGHT RED 26 SUPERGEL	PAR FOCO1	2000W	1/14 1ºVARA PALCO PLATEIA
4	4	ESTUPLO	supergel 382 congo blue	FRESNEL	1000W	3/12 1ºVARA PALCO PLATEIA
5	5	CONTRA FLORESTAS	N/COLOR GOBO	ELIPSON	2000W.	4/11 1ºVARA PALCO PLATEIA
6	6/7	CONTRA AMBAR/ AMARELADO	deep straw supergel 15	PAR FOCO/5	4000W	2ºVARA PALCO/PLAT EIA L 3/12 E 7/8
7	8/9	CONTRA AZUL	azul e-coulor 161 slate blue	PAR FOCO/5	4000W	2ºVARA PALCO/PLAT EIA 5/10 E 6/9

8	10	CONTRA GERAL VM	Vermelha Scarlet supergel 24	PAR FOCO /5	2000W	2ºVARA PALCO/PLATEIA 2/13
9	11	FOCO FUGA Nº 1	Super gel 79 brigh blue	FRESNEL	1000W	2ºVARA PALCO/PLATEIA 1/14
10	12	DESENHO COZINHA	N/COLOR	ELIPSON	2000W	2ºVARA PALCO/PLATEIA 4/11
11	13	BANDA	N/COLOR	FRESNEL	2000W	COLOCADO NA 1/14 da 2ª VARA E PLUGADO NA TERCEIRA3ª
12	14	ORIXAS FOCOS	AM/VD yellon e-colour 101 dark-green e-colour 124	PAR FOCO/1	2000W	3ª VARA PALCO PLATEIA 2/13
13	15	ORIXAS FOCOS	RS/AZ dark-blue e-colour 119 dark-pink e-color 111	PAR FOCO/1	2000W	3ª VARA PALCO PLATEIA 3/12
14	16	ORIXAS FOCOS	VM flame-red e-colour 164 IANSÃ	PAR FOCO/1	1000W	3ª VARA PALCO PLATEIA 4/11
15	17	ORIXAS FOCOS	VM Orange-red super gel 25 XANGÔ	PAR FOCO 1	1000W	3 VARA PALCO/PLATEIA 5/10
16	18	2º FOCO DA FUGA	AZ supergel 79 brigh blue	FRESNEL	1000W	3ª VARA PALCO/PLATEIA 6/9

17	19	FOCO ÁMALIA	Chocolate156 e-colour	FRESNE L	1000 w	3ªvara Palco/ plateia 7/8
18	20	3º FOCO DA FUGA	Super gel 79 brigh blue	FRESNE L	1000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 4/11
19	21	FOCO ZEFERINA CENTRO/PALC O/FR	CHOCOLATE 156 E- COLOUR	FRESNE L	1000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 7/8
20	22	FOCO PAI ANTONIO PALCO/ DIREITA/FR	CHOCOLATE 156 E- COULOR	FRESNE L	1000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 6/9
21	23	FUGA DA POPULAÇÃO/C ASAL	N/C	ELIPSON	2000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 5/10
22	24	FR YEMANJÁ	green-blue super gel 76	PAR FOCO/1	1000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 2/13
23	25	FR GERAL VM	Vermelha Scarlet supergel 24	PAR FOCO/5	1000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 3/12
24	26	TORRES VM	MEDIUM RED 27 SUPER GEL	PAR FOCO/5	3000 W	4ª VARA PALCO/PLAT EIA 1/114
25	27	TORRES VM	MEDIUM RED 27 SUPER GEL	PAR FOCO/5	2000 W	CHÃO
26	28	TORRES VM	MEDIUM RED 27 SUPER GEL	PAR FOCO/5	3000 W	CHÃO

27	29	TORRES VM	MEDIUM RED 27 SUPER GEL	PAR FOCO/5	2000 W	CHÃO
28	30	TORRES VD	gaslight green 388 supergel	PAR FOCO/5	3000 W	CHÃO
29	31	TORRES VD	gaslight green 388 supergel	PAR FOCO/5	3000 W	CHÃO
30	32	TORRES VD	gaslight green 388 supergel	PAR FOCO/5	1000 W	CHÃO
31	33	TORRES VD	gaslight green 388 supergel	PAR FOCO/5	1000 W	CHÃO
32	34	FR GERAL	N/C	PAR FOCO/5	3000 W	VARA PLATEIA/PRO CENIO
33	35	FR GERAL	N/C	PAR FOCO/5	3000 W	VARA PLATEIA/ PROCENIO
34	37	FR EXÚ	VM LIHT RED 26	ELIPSON	1000 W	VARA PLATEIA/ PROCENIO
35	38	FR PAI ANTONIO	CHOCOLATE 156 E- COLOUR	FRESNE L	1000 W	VARA PLATEIA/ PROCENIO
36	39	FR ZEFERINA	CHOCOLATE 156 E- COLOUR	FRESNE L	1000 W	VARA PLATEIA/ PROCENIO
37	40	FR GERAL	N/C	FRESNE L	2000 W	2ª VARA PLATEIA
38	41	FR GERAL	N/C	FRESNE L	2000 W	2ª VARA PLATEIA
39	42	2 GOBO FLORESTA	N/C	ELIPSON	2000 W	2ª VARA PLATEIA
40	43	GOBO RAI0	N/C	ELIPSON	1000 W	2ª VARA PLATEIA

6.4. ROTEIRO DE OPERAÇÃO

EFEITO	DEIXA	MEMÓRIA	OBSERVAÇÕES
1	ENTRADA DO PÚBLICO	M 1 Plateia a 50%	PALCO ESCURO ENQUANTO O PÚBLICO SE ACOMODA
2	3º SINAL	M 2 fica a luz de rodapé do teatro para áudio média do teatro e do espetáculo	SAI PLATEIA
3	FOCO NA BANDA	M 3 30% para se posicionarem	AO FUNDO CENTRO DO PALCO
4	MORRA BRANCO VIVA NERO	M 4 TORRES VERMELHAS 100% 27,28,29	É GUERRA

5	PAI ANTÔNIO, ZEFERINA E FIRMINO NO FOCO.	M 5 FOCO DIRETA FRENTE DIREITA DO PALCO 80%	
6	Na véspera dos festejos natalinos, Pirajá, Sé.	M 6 CANAL 6 (50%) CANAL 20 (20%)	ACENDE A 50% CANAL 6 E DIMINUE 20 A 20% AO OUVIR O SOM DE TIROS E BOMBAS
7	VOLTA A 80% O CANAL 20	M 7 M 5 FOCO DIRETA FRENTE DIREITA DO PALCO 80%	AO CESSAR O SOM
8	TODOS GRITANDO E LUTANDO É GUERRA	M 8 100%	AO SOM DO SAX TORRES VERMELHAS
9	JULGAMENTO	M 9 CT/AB 60% E FR/BR 40%	ZEFERINA E PAI ANTÔNIA NA DIREITA FRENTE DO PALCO
10	FERIR PESSOAS DE BEM	M 10	BLACK RAPIDO

11	LINA SAI DA ESQUERDA PARA DIREITA E VAI PARA UM FOGÃO IMAGINARIO	M 11 70%	QUANDO ELA CHEGA AO FOGÃO UM ESPAÇO RECORTADO POR ELIPSON
12	QUANDO ANÁ E ZEFERINA CHEGAM ACRESCENTA O CANAL 6	M 12 80%	
13	QUANDO A PATROA CHAMA LINA APAGA DOCO COZINHA	M 13	FICA SÓ AB/ AM 70% + FR/BR 30%
14	ANÁ LEVA AGUA	M 14	CT AZ 50% _FR/BR 30%
15	PATRÃO DERRUBA ANÁ NO CHÃO	M 15 AZ CONGO BLUE 50%	ESTUPRO
16	LINA CHAMA ZEFRINA	M 16 AB 80% E BR 30%	
17	LINA DIZ: VAMOS SABER O QUE ACONTECEU	M 17 AB 100% E BR 40%	SENSALA
18	PERA QUE VOU CHAMAR ANÁ	M 18 TORRES VD A 100%	COREOGRAFIA TORRES VD

19	TODOS EM GRUPO	M 19 80%	A LUZ GUIA OS ATORES 1ºFOCO
20	A LUZ GUIA O GRUPO	M 20 AZ 80%	2º FOCO
21	A LUZ GUIA O GRUPO	M 21 80%	3º FOCO
22	VAMOS DESCANSAR	M 22 30%	FOCO ZEFERINA A
23	QUANDO OUVE A MÚSICA	M 23 60%	TODOS OS ORIXÁS EO FOCO ZEFERINA A
24	TODOS OS ORIXÁS SAEM E FICA APENAS YANSÃ	M 24 FOCO 20%.GERAL AM/ E VM 50% FR/BR 30%	
25	QUANDO YANSÃ VAI EMBORA AO SOM DA PERCURSÃO	M 25	BAMPAR CANAL 40 É O RAI0
26	ASSALTO NA ESTRADA	M 26	
27	ZEFERINA E PAI ANTONIO	M 27	FOCO PALCO DIREITA FRENTE
28	QUERIA SE CHAMAR FRANCISCA	M 28	FOCO AMÁLIA

29	AMÁLIA DIZ: VENHA VAMOS PROCURAR O QUE COMER, VOCÊ PRECISA DESCANSAR	M 29	SAEM
30	PAI ANTONIO DIZ: NA HORA QUE ESTAVAMOS DE TOCAIA.	M 30	GUERRA
31	YONOSSÔ DIZ: VENHA MENINA AORA TUVAI APRENDER A VIVER. VAIAAPRENDER OS CUSTUMES DOS BRANCOS.	M 31	VOLTA O FOCO PAI ANTÔNIO
32	PAI ANTÔNIA DIZ: VENHA VAMOS COMEMORAR	M 32	SAI O FOCOE ABRE GERAL A 30%
33	FESTA DE YANSÃ	M 33	
34	QUANDO OS ATORES ENROLAM OTAPETE	M 34	BLACK
35	ATRIZ DIZ: TAMBÉM NÃO LIMPO	M 35	SAI ATRIZ E MUDANÇA DE LUZ IMEDIATA SOLDADOS EM TREINAMENTO

36	CAPITÃO DIZ: CONVOQUEM TODOS, QUERO TODO MUNDO AQUI REUNIDO.	M 36	TORRES VERMELHAS
37	MARIDO ENTRA ESBAFORIDO E DIZ: MULHER REUNA AS CRIANÇASE OS POUCOS ESCRAVOS...	M 37	LUZ RECORTADA POR ELIPSON E CT AZ
38	MULHER DIZ: PERA HOMEM QUE VOU COM VC.	M 38	VOLTA A REBELIÃO
39	BRIGADEIRO DIZ: SARGENTO VAMOS RECUAR, NA MATA SEGUIMOS NA DIREÇÃO DO RECÔNCAVO, VAMOS BUSCAR APOIO.	M 39	BLACK. PRÓXIMA CENA COM CANDEEIROS
40	PAI ANTÔNIO DIZ: SEUS CAMINHOS JÁ ESTÃO TRAÇADOS... YANSÃO QUE GUIE SEUS CAMINHOS	40	ENCONTRO DAS ZEFRINAS

41	ZEFEINA DIZ: Você tem razão... vá! Leve o Otá Orisá, que nossa mãe lansã guie nossos passos.	41	SEGUE O CORRO DA FOFOCA
42	Temos que evitar que os pretos utilizem armas de fogo, assim estaremos evitando nossa própria derrota	42	ZEFERINA E O CORONEL
43	CORONEL AFONSO DIZ: não se preocupe que o General Labatut deu sua palavra e horará com ela,... NEGROS SERÁ LIVRES	43	COREOGRAFIA E ACERTO DE CONTAS
44	CORONEL AFONSO DIZ: Você não vai me escapar outra vez, vem negrinha você vai gostar.	44	CONFRONTO ZEFERINA E OS NGEROS CONTRA O CORONEL, OS NEGROS FOGEM CHEGA PAI ANTÔNIO
45	PAI ANTÔNIO DIZ: NÃO ISSO NÃO. ESSA CENA COM YANSÃ	45	CHEGA YANSÃ ATRÁS DELE DANÇANDO
46	PAI ANTÔNIO GRITANDO NÃOOOOOOO,	M 46	PAI ANTONIO SAI

	CHEGA ZEFERINA		
47	ZEFERINA E FIRMINO ESSA CENA É A INICIAL	M 47	FOCO DIREITA FRENTE DE PAI ANTONIO
48	ROUBO DA CARGA		REPETIÇÃO DO INCIO SEM TEXTO, SÓ MUSICALIZADO
49	ZEFERINA,PAI ANTONIO E FIRMINO		NO FOCO, SEM TEXTO
50	GUERRA		TORRES VM , SEMTEXTO
51	JULGAMENTO		
52	Zeferina (qd levanta a mão) Nil Ni Tu	DESCE LENTAMEN TE ATÉ CHEGAR AO BLACK OUT	FIM

6.5- Raider Técnico do Centro Cultural Plataforma

203 ASSENTOS FIXOS

03 ASSENTOS DESTINADOS A PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Medidas do Palco

Proscênio

o Largura: 8,70m

o Profundidade: 1,30m

Caixa

o Altura: 5,60m

o Largura: 10,30m

o Profundidade: 7,92m

Boca de cena

o Altura: 5 m

o Largura: 7,20m

Outras medidas

Corredor entre rotunda e paredão do fundo: de 30 a 50cm

Mecanismo manual da cortina nobre, comprimento 10,30M

Outras informações

Corrente elétrica p/ equipamento de iluminação: 220 V

Corrente elétrica para uso geral: 220 V

Corrente elétrica dos camarins: 220 V

Equipamento de Sonorização

03 Amplificadores de potencia DBK 300WRS ponte CICLOTRON - WATTSON

01 Amplificador de potencia 5500 w ONEAL-AUDIO □ 03 Bastidores aberto 15 UR

14 Cabos micro. 2x22 AWG, XRL-f, 10M

01 Console 32 canais YAMAHA

01 Deck cassete - MD-SONY

06 Direct Box UTRAD-DI -BEHRINGER

05 Equalizadores - BERHRINGER- CICLOTRON

01 Fone de ouvido - PHILIPS

01 Grav. /reprod. VHS - SAMSUNG

01 Microfone Wireless /Free way

14 Microfones – SAMSON R21

02 Microfones - SENNHEISER

01 Tela de Projeção Elétrica - Pull Down Tela: 100in. Diagonal, 4:3, Branco

04 Pedestais de mesa

04 Pedestais estúdio

12 Pedestais estúdio articulável (girafa)

01 Reprodutor de cd's TEAC

01 Sonofletor de subgraves Staner fixa 800 w □ 06 Caixa Monitores fixos Staner VSm-400 w

02 Caixas Retorno móvel Staner VSM-400 w - Passiva

01 Caixa Retorno móvel Oneal 325 w - Passiva

02 Retornos fixos Staner VSM-400 w

02 Caixas amplificadas 1000 w Leac's - Ativa

01 Stage box 24 vias balanço. Áudio + SVGA

Equipamentos Audiovisuais

01 Projetor Multimídia - Infocus X2

01 Data Show Multimídia - Benq MP612 2500 Ansi L. □ 01 Reprodutor de DVD-SONY

Equipamentos de Iluminação Cênica

01 Console de comando 2x 48 canais (Analgica da ditel e sem entrada para dmx)

04 Dimmer 12 / 2 KW p/ canal

10 Projetor Fresnel 500 w

00 Projetor Fresnel 1000 w

06 Projetor Plano-convexo 1000W

10 Projetor Plano-convexo 500 w

04 Projetor Elipsoidal 1000 w

01 Canhão seguidor 2000 c/ tripé

05 Set light 1000W

35 Projetor Par 64/ foco 5

12 Projetor Par 64/ foco 2

12 Projetor Par 64/ foco 1

04 Varas de luz, 14 tomadas, 8 m (Caixa Cênica)

02 Varas de luz, 14 tomadas, 9,10M (Frontal)

06 Tomada palco

06 Torres móveis

08 Extensões elétricas p/ refletores, 8 m

12 Extensões elétricas p/ refletores, 4 m

01 Bastidor aberto p/ dimmers, 15 UR

14-Bandol p/ PC de 1000w

22-Bandol p/ PC de 500w

□

OBS: AS VARAS CÊNICAS SÃO FIXAS, AS PLUGAÇÕES SÃO EM PARALELOS O DIMMER

SÓ SUPORTA 2 MIL POR CANAL E OS REFLETORES É DA TELEM)

Outros equipamentos:

01 cortina nobre (5,30x 5,55 m)

08 Pernas (1,20x5, 55 m)

04 Bambolina (8,70x1, 00 m)

01 Rotunda (7,98x5,55 m)

01 Ciclorama (7,98x5, 55 m)

01 Tela p/ projeção eletromecânica bobinavel L 260 (5,28 x

6.6-Comentário de um espectador

Zeferina: A rainha de Urubu

*José Eduardo Ferreira Santos

Hoje fui ao Centro Cultural Plataforma para ver a peça Zeferina: A rainha de Urubu (Direção de George Bispo e Márcio Bacelar) e produção do Coletivo de Investigação Cênica e Coletivo de Produtores Culturais do Subúrbio.

Na verdade, eu já tinha ido à estreia. No entanto, para entrar na alma de uma peça teatral prefiro sempre fazer alguns retornos, pois geralmente o nosso entendimento e a sensibilidade conseguem captar aspectos não vislumbrados na primeira vez.

E dessa vez foi comovente.

Zeferina é um passeio pela ancestralidade deste território suburbano e de seu povo através de um mergulho nas poucas informações disponíveis sobre a negra Zeferina, tornada conhecida pela guerra da Independência da Bahia (1826) e estudada pelo professor Dr. João José Reis no livro “Rebelião Escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835” (Editora Companhia das Letras, 2003, edição revista e ampliada).

A peça nos mostra que a força das mulheres suburbanas, negras e oprimidas vem de longe. De um tempo em que a vida era uma luta cotidiana – como continua sendo -, mas era uma luta desigual – como continua sendo – entre o poder de uns (colonizadores e ricos) e pobreza de outros (suburbanos, assalariados, desempregados) – como continua sendo...

Mas Zeferina não se rendeu – desculpem, de novo, - como continua sendo com as mulheres que habitam as periferias de Salvador e continuam a sua batalha cotidiana para prover a casa, cuidar da prole e ainda imbricarem-se nas mais diversas lutas pelo bem comum e pelas suas comunidades.

Com texto, dança e música a História de Zeferina vai sendo contada e trazendo para o palco algo que eu não tinha mais sentido em outras produções: o cheiro do povo e do lugar. Essa percepção de que eles (direção, produção, atores e músicos) se aprofundaram tanto no universo da nossa guerreira se materializa sensorialmente quando, por exemplo, no meio da noite, Zeferina caminha pelas matas com um candeeiro que produz a chama a partir do querosene e esse cheiro toma conta do teatro e ali quem tem mais de trinta anos e viveu aqui no Subúrbio Ferroviário de Salvador ou no interior, lugares onde a energia elétrica demorou a chegar pode se lembrar sim de tempos nos quais o fogo era “a lenha”, o ferro de passar roupa era “a carvão”, as roupas eram engomadas e lavadas nas bicas e fontes da região e o cheiro do lugar não era de cidade, mas sim de mato, muitas florestas ao redor, inclusive o Parque São Bartolomeu era o lugar onde a abundância da natureza era

respeitada e a convivência dos moradores com as matas, cachoeiras, manguezais era uma relação de respeito, devoção e pertença.

Quando me vi envolto na fumaça dos candeeiros utilizados na peça fiz um retorno ao meu passado e lembrei-me das mulheres que preenchem minha vida e de como elas me contavam como era difícil viver nos tempos de antanho sem recursos, mas sempre tendo que dar uma resposta: muito trabalho braçal, lavando roupas, cozinhando para os “brancos”, - a expressão ainda é essa. Lembrei-me de minhas tias, minha mãe e vizinhas que tinham que deixar as roupas “alvas” e quanto elas se consumiram neste trabalho, perdendo a saúde e até morrendo por causa das condições (faltas de) de trabalho.

Noutro dia uma dessas mulheres me disse que além de fazer as trouxas de roupas tinha que fazer a travessia de canoa de Plataforma até a Ribeira e lá sair distribuindo desde o Bonfim até a Barra.

Estou indicando esses detalhes porque talvez poucos (ou nenhum homem) possam se dar conta do que é deixar uma roupa “alva” e “engomada”. É um trabalho tão braçal que talvez não haja comparação.

Essa História precisava ser contada. Primeiro, para que saíssemos daquele perigo bem lembrado pelo saudoso Gey Espinheira: o esquecimento da história do Subúrbio Ferroviário; depois, pela ultrapassagem da “história única”, aquela que aprendemos na escola e está sempre tão distante de nós.

Neste sentido, a peça Zeferina faz um mergulho na nossa ancestralidade e reafirma os aspectos presentes até hoje nas mulheres que vivem aqui: força, dignidade, respeito próprio, consciência de si e de suas pertenças, senso de alteridade, beleza e amor incondicional.

Mas o que me capturou mesmo foi a beleza, aliás, aspecto que estamos divulgando na pesquisa “Cadê a bonita? A beleza das mulheres de Novos Alagados”, através de fotografias e texto.

Com este trabalho posso perceber que a garra de Zeferina e a sua beleza continuam se atualizando, porque em cada uma das cinqüenta e duas mulheres fotografadas essa força se apresenta.

Muito obrigado pela eternidade, registro e documentação dessa história que precisava ser contada, mostrada e sentida, driblando o esquecimento que teima em assombrar a *nossa* história.

Salvador, 08 de setembro de 2011.

* Doutor em Saúde Coletiva (ISC - UFBA) e Mestre em Psicologia (UFBA). Autor dos Livros *Travessias: A Adolescência em Novos Alagados* (Edusc, 2005) e *Novos Alagados: Histórias do Povo e do Lugar* (2005). Tem como áreas de interesse: Educação, Psicologia, Juventude e Violência.

6.7- Relação Ator – Personagem

Aloma Zeferina Pelizzari



Lina – Negra Lina trabalha na cozinha da casa Grande.

Joaquina – Moradora do Quilombo. (lavadeira)

Amália – Mãe de Zeferina

Beto Zeferina Cerqueira



Coronel Afonso – Filho da Baronesa

Firmino – Escravo que ajuda Zeferina em seu plano

José – Branco que esta transportando carga e é assaltado pelos moradores do Quilombo

Maria Gabriela Zeferina Lima



Maria - Maria Quitéria – Escrava fugitiva que luta na guerra com zeferina

Roza – Moradora do quilombo (lavadeira)

Roza Ianosô (Chica da Silva) – Escrava que compra sua alforria e quer ser tratada como branca.



Heraldo Zeferina Borges

Tito – escravo da senzala que foge junto com Zeferina

Ezequiel – Escravo do quilombo que traz zeferina para o quilombo junto com Capenga após ela ajudar a roubar a carga.

Juciara Zeferina Awô



Zeferina - Heroína

Marrom Zeferina Paulillo



Aná – Escrava jovem amiga de Zeferina que eh estuprada pelo coronelzinho Afonso e também foge com zeferina.

Maria de Santa Isabel – Moradora do quilombo.
(lavadeira)

Mariana Zeferina Barbosa



Baronesa – Baronesa da Casa Grande

Galego – Escravo que foge da senzala com zeferina

Francisca – Branca que esta transportando carga e é assaltada pelos moradores do Quilombo

Marcos zeferina Luiz



Inácio – Escravo da Senzala que foge junto com Zeferina

Capenga – Escravo capenga morador do quilombo que traz junto com Ezequiel Zeferina para o Quilombo.

Carlos Zeferina Matias



Zé Raimundo – Morador do Quilombo, sábio.
Que convence os outros escravos a deixarem
zeferina tentar o jogo.

Antônio de Tal – Pai de Santo do Quilombo
(Xangô) autoridade máxima no quil

=

7-REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Roubine, JeanJacques. **A linguagem da encenação teatral**. Zahar Torres Rio de Janeiro, 1966

BONFANTI, Guilherme. **Iluminação teatral pós anos 90**. [S.l.], [20-?]. 1 CD/R, 700MB. Word for Windows 2003.

COSTA, Ronaldo Fernando. **Diálogos com a iluminação teatral**: uma proposta de ensino. Natal: UFRN, 2004:

Silva, Mauri Luiz da. **Luz, Lâmpadas e Iluminação**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna 3ª edição, 2004.

Camargo, Roberto Gill. **Conceitos de iluminação cênica**. Rio de Janeiro: Música e tecnologia, 2012.

Simões, Cibele Forjaz. A iluminação cênica como instrumento de visibilidade, 'Scriptura do visível'. São Paulo, 2008. (Dissertação de mestrado)

Mont , Barbara Suassuna Bent Valeixo Serrat. **Iluminação cênica como elemento modificador dos espetáculos: seus efeitos sobre os objetos da cena**. Rio de Janeiro 2006 (Dissertação de mestrado em Arquitetura, área de concentração em Conforto Ambiental e Eficiência Energética

Santos, Maria Carla Correia dos, **Uma luz na extensão e sobre o ensino. O ensino da iluminação para licenciados na escola de teatro**. Salvador 2010 (TCC em Iluminação do curso de Licenciatura em Teatro da UFBA)

Dicas de iluminação de Valmir Peres disponível em (<http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/todasasdicas.pdf>)

Cartilhas de luz por Alexandro Azuos disponível em (<http://alessandroazuos.blogspot.com.br/>)

Blog de Aurélio de Simoni disponível em (<http://aureliodesimoni.blogspot.com.br/>)